



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANA TEREZA CERTAIN SIMAS DE PAULA

**AS DINÂMICAS PSÍQUICAS DO ÓDIO E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO NAS
SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS**

BRASÍLIA

2023



ANA TEREZA CERTAIN SIMAS DE PAULA

**AS DINÂMICAS PSÍQUICAS DO ÓDIO E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO NAS
SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Juliano Moreira Lagoas

BRASÍLIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela concessão da bolsa para a realização da pesquisa.

RESUMO

De acordo com a perspectiva psicanalítica, o ódio é um afeto constitutivo do ser humano e das relações sociais, o que significa dizer que não tem apenas um caráter “negativo” e gerador de situações de violência, mas também exerce um papel fundamental nos processos de formação das subjetividades, na cultura e na organização política das sociedades. É notável que o tema dos discursos de ódio tem sido sobremaneira veiculado nos meios de comunicação nos últimos anos, em parte devido a sua manifestação expressiva na sociedade brasileira, tanto nas interações sociais presenciais, quanto nas virtuais. Uma expressão disso foi o cenário de disputa eleitoral para presidência no ano de 2022, contexto de realização desta pesquisa. Partindo desse cenário, o objetivo deste trabalho foi investigar os discursos de ódio na atualidade brasileira, procurando identificar e compreender alguns de seus modos de manifestação e seus impactos nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico. Tratou-se de compreender o lugar das ambivalências afetivas nos modos de manifestação do ódio e analisar o papel da racionalidade neoliberal na formação dos discursos de ódio na atualidade. A abordagem metodológica utilizada foi a “análise de discurso psicanalítica”, que articula os princípios da Análise de Discurso de matriz francesa aos aportes teórico-clínicos da psicanálise. A pesquisa se deu em três etapas principais. Na primeira, foi realizado um levantamento de produções científicas da área das ciências sociais e humanas sobre os conceitos pertinentes à temática. Na segunda, divulgou-se um formulário elaborado na plataforma *Google Forms* direcionado a pessoas que acreditavam ser (ou ter sido) afetadas por discursos de ódio disseminados em mídias digitais e nas relações sociais. E, por fim, na terceira etapa, procedeu-se a uma busca nas redes sociais por publicações que veiculassem discursos de ódio contra grupos sociais. O material coletado foi selecionado a partir da relevância e da relação de seu conteúdo com a temática do ódio e do contexto social e político brasileiro. Nesse sentido, foram analisadas quatro (4) publicações das redes sociais e treze (13) respostas do formulário, a partir dos referenciais teóricos da psicanálise e das ciências humanas e sociais. Os resultados encontrados apontaram para a existência de processos históricos e culturais da sociedade brasileira legitimadores da manifestação de discursos de ódio. Foi possível observar a prevalência de expressões de ódio direcionadas a grupos sociais específicos, como a população nordestina, negros e mulheres.

Palavras-chave: discurso de ódio; psicanálise; subjetividade.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Publicação encontrada na rede social <i>Instagram</i> cujo conteúdo associa a imagem de Lula ao significante ladrão.....	26
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 Objetivos.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 O ódio como afeto estruturante da subjetividade e dos processos identificatórios....	10
2.2 A compreensão do ódio como afeto político e a dinâmica social no cenário da racionalidade neoliberal.....	12
2.3 O ódio como fenômeno da sociedade brasileira	13
3. MÉTODO.....	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
4.1 Ódio e política nas redes sociais	20
4.2 O medo e o ódio na gestão política	36
4.3 Impactos subjetivos do ódio	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXO A - Parecer do CEP	54
ANEXO B - Formulário	61

1. INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira encontra-se, hoje, profundamente marcada pelas consequências do aumento das desigualdades econômicas, do acirramento dos conflitos sociais, da deterioração do funcionamento das instituições democráticas e da consequente polarização ideológica que arrasta o campo da política para um cenário de precarização dos laços sociais e de aumento das violências físicas e simbólicas. Nesse cenário, salta aos olhos o modo intensivo com que o afeto do ódio tem se manifestado e se banalizado nas esferas política, social e cultural.

Na esfera política, temos observado o aumento alarmante da disseminação dos chamados “discursos de ódio”. Segundo dados da organização civil *SaferNet*, as denúncias de crimes relacionados a esse tipo de discurso nas redes sociais triplicaram nos últimos seis anos, sendo as mulheres o principal alvo dessas formas de violência verbal. Tal aumento foi especialmente acentuado durante o ano de disputa eleitoral, com 44 mil denúncias em 2021, que saltaram para 74 mil em 2022, como reportado em *Jornal Nacional* (2023).

Em 2023, o cenário político brasileiro passou por mudanças significativas em virtude do acirramento da disputa eleitoral para a presidência, que aconteceu em 2022, entre Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva — culminando na vitória de Lula. Vale ressaltar que Bolsonaro tornou-se inelegível por oito anos devido a penalizações por abuso de poder e por propagar informações falsas que atacaram a democracia e o sistema eleitoral para favorecer sua candidatura (TSE, 2023).

Na esfera social e cultural, é possível notar o fenômeno do ódio a partir da noção do “algoritmo de opressão” (Bezerra; Costa, 2022, p. 3). Sabemos que o sistema capitalista estabelece novas formas de dominação na sociedade, com as tecnologias da informação desempenhando um papel central nesse processo. Embora essas tecnologias sejam percebidas como neutras, devido ao seu funcionamento automatizado e fundamento na matemática, na verdade, elas produzem saberes e são desenvolvidas dentro de contextos sociais específicos. Sendo assim, tais tecnologias podem difundir valores e reforçar relações históricas de dominação pela maneira que as informações coletadas são processadas. Um

exemplo pertinente é o modo como publicações de grupos supremacistas brancos ganham maior alcance do que pautas antirracistas nas redes sociais (Bezerra; Costa, 2022).

Outros exemplos do campo cultural são os artistas que têm procurado denunciar o ódio e seus efeitos perniciosos na vida social. O rapper Emicida, em seu disco *AmarElo*, usando metáforas, denuncia o racismo e a violência policial (Faria, 2019). Nessa mesma perspectiva, o artista Criolo, na música *Cleane*, lançada em 2021 e dedicada a sua irmã, que perdeu a vida durante a pandemia do Covid-19, expressa indignação em relação à atuação governamental, à violência racial e à indiferença quanto às vidas perdidas no período (Henrique, 2021).

Partimos, aqui, do entendimento de que o “bolsonarismo”¹ é um discurso, uma forma de expressão do ressentimento de uma parcela da população em relação às transformações socioeconômicas ocorridas nas últimas décadas. O ódio e as ações violentas podem ser concebidos como recurso empregado por setores conservadores da sociedade em reação a tais transformações. As melhorias — ainda que tímidas — nos índices econômicos e de desenvolvimento humano e a ascensão de classes sociais antes relegadas à miséria foram sentidas por parte da população como perdas “pessoais”, sobre as quais o sujeito fica ruminando, sem conseguir responder a elas. O “bolsonarismo”, portanto, tornou-se oportuno para esses grupos encontrarem um “alvo” para o ódio represado. A resposta idealizada e reprimida durante os últimos anos pôde finalmente encontrar formas de se expressar (Dunker, 2021).

Contudo, como se pode constatar a partir de Lebrun (2008), o ódio não deve ser visto de maneira exclusivamente pejorativa, uma vez que é inerente à condição humana. Desde os seus primeiros trabalhos, Freud sublinhou o papel fundamental do afeto do ódio nos processos de constituição subjetiva, sobretudo no que diz respeito à sua função de demarcação das bordas do corpo e de separação entre eu e outro, unicamente por meio dos quais um sujeito de desejo pode se constituir.

Mas, afinal, como compreender essa transformação do ódio, enquanto primeiro operador da formação do sujeito humano, em combustível para processos de violência social e tentativas de eliminação do outro? Qual o lugar do ódio na dinâmica e na economia psíquica

¹ Dunker, C. I. L. OS ISENTÕES | Christian Dunker | Falando nisso 332. 23 nov. 2021 Os Isentões. YouTube: @chrisdunker. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILyVHWka-LE>. Acesso em: 11 abr. 2022.

das subjetividades contemporâneas e nos processos de sofrimento social advindos do fenômeno da violência? É em torno dessas questões que estruturamos esta pesquisa.

1.1 Objetivos

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar os discursos de ódio na atualidade brasileira, procurando identificar e compreender alguns de seus modos de manifestação e seus impactos nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico.

A partir disso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- (i) compreender o lugar das ambivalências afetivas nos modos de manifestação contemporâneos do ódio; e
- (ii) analisar o papel da racionalidade neoliberal na formação dos discursos de ódio na atualidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentamos, a seguir, algumas bases teórico-conceituais que fundamentam este trabalho. Para fins de organização e sistematização das ideias, dividimos a apresentação em três eixos centrais:

- (i) o ódio como afeto estruturante da subjetividade e dos processos identificatórios;
- (ii) a compreensão do ódio como afeto político e a dinâmica social no cenário da racionalidade neoliberal; e
- (iii) as expressões do ódio na sociedade brasileira.

2.1 O ódio como afeto estruturante da subjetividade e dos processos identificatórios

Em seu *Dicionário de Psicanálise*, Roland Chemama (1995) define o ódio como “paixão do sujeito que visa à destruição de seu objeto” (Chemama, 1995, p. 154). O afeto do ódio se torna presente na vida do sujeito desde suas primeiras relações com o mundo (Flanzer, 2006). Na experiência do recém-nascido, tudo aquilo que é sentido como desprazeroso ou percebido como desconhecido e ameaçador é localizado pelo psiquismo como algo situado no exterior, sendo, dessa forma, odiado pelo bebê. Eis aí uma das formas mais originárias de relação com o mundo. Como nos diz Flanzer (2006),

Se, posteriormente, os objetos vêm adquirir a possibilidade de se tornarem uma fonte de prazer (e é, de fato, como ocorre), este objeto amado é, ao mesmo tempo, incorporado pelo eu (tal como no narcisismo), de modo que, lado a lado com o "eu do prazer purificado", os objetos do amor coincidem com aquilo que foi, a princípio, estranho e odiado (Flanzer, 2006, p. 217).

Subentende-se, aqui, a noção freudiana de ambivalência afetiva, segundo a qual objetos psíquicos são simultaneamente investidos de amor e ódio. Em *Projeto de uma Psicologia* (1895), Freud já chamava a atenção para “a ambivalência fundamental que marca a gênese das relações objetais no ser humano” (Lagoas; Chatelard, 2019, p. 10). Se é certo que o Outro materno surge para o bebê como “primeiro objeto de satisfação” e “único poder

auxiliar”, é certo também que ele se constitui como primeiro objeto hostil (Freud, 1950 [1895]/2003, p. 207). É por essa razão, dirá Freud em 1915,

[...] que os objetos preferidos das pessoas, bem como seus ideais, se originem das mesmas percepções e experiências que os objetos por elas mais execrados, e mais, que originalmente tais objetos se diferenciavam uns dos outros apenas por meio de pequenas alterações (Freud, 1915/2004, p. 180).

Em outras palavras, ao menos do ponto de vista das dinâmicas inconscientes e mais primitivas do funcionamento psíquico, amor e ódio não são afetos antagônicos, mas coexistem em razão do fundo perceptivo comum a partir do qual se organizam.

Na obra *Totem e Tabu*, de 1913, Freud trata do conflito entre o que é colocado como proibido na coletividade e, ao mesmo tempo, o desejo de ruptura desse tabu (Corrêa, 2019). Nessa obra, é elaborada uma hipótese sobre o fato originário da sociedade e da cultura: o homicídio do “pai da horda primeva” cometido por seus filhos teria deixado, no psiquismo dos filhos, a marca da ambivalência afetiva. Sob o pano de fundo do amor pelo pai, o ódio se organiza em uma estrutura complexa, cuja ambivalência se manifesta sob a forma do posterior arrependimento em relação ao ato cometido:

Diante do parricídio e do assassinato do primeiro objeto de identificação, temos a conjugação da primeira polaridade do psiquismo apontada por Freud. Matar e devorar o pai identificando-se com ele instaura com o primeiro crime um pai ainda mais forte. Pois o ódio endereçado ao pai primordial (*gozador* todo-poderoso) no ato violento, a partir da incorporação e identificação, permite a entrada em cena do amor, um movimento de ternura capaz de erigir o arrependimento e, por conseguinte, o sentimento de culpa em direção à reconciliação (Corrêa, 2019, p. 24, Grifo do autor).

A respeito do ódio nas relações sociais, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921/2020), referindo-se ao objeto da psicologia, explicita a interface entre processos psíquicos individuais e sociais. Ele compreende que, nos diferentes tipos de relacionamentos que estabelece na vida — seja nos vínculos de maior intimidade ou nos mais distantes —, o sujeito opera a partir de suas experiências com um outro. Suas primeiras impressões são marcadas pela presença desse outro. E, para emergir um “eu” que detém as próprias vontades e sai dessa posição de objeto, é preciso um distanciamento das vontades externas, o que se efetiva a partir do “não!” (Goldenberg, 2021, p. 111). Entretanto, este distanciamento pode se “ocultar” à primeira vista, caso ocorra uma “identificação” entre o eu e o outro (Goldenberg, 2021).

O “não!” é sua primeira e decisiva intervenção junto a um outro que, não fosse por isso, o possuiria por completo. É apenas essa negação, exprimida em ato e não em palavras, que o representa como sujeito/agente. Não seria exagerado, portanto, considerá-la sua primeira ação social. . .Convém não esquecer que, ainda assim, e para sempre, como disse o poeta, *eu é um outro*. Deixa de *parecer* um outro, contudo, quando nos identificamos com aquele de quem se fala [...] (Goldenberg, 2021, p. 111, Grifo do autor).

Complementando essa ideia, Freud, ao analisar as massas, propõe não explicá-las com base no fenômeno da “sugestão”, estratégia preponderante nas teorizações de sua época, mas a partir do processo identificatório, condição para a formação de vínculos entre os indivíduos e, portanto, para a própria constituição do “eu” (Goldenberg, 2021).

Quanto à “identificação”, Freud (1921/2020) nos ensina que ela é a raiz do vínculo entre as pessoas, “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva de uma pessoa a outra” (Freud, 1921/2020, p. 178). É pela via da identificação grupal que os sujeitos investem a libido no mundo externo e, assim, ultrapassam seu “[...] próprio bem individual em favor do bem comum” (Goldenberg, 2021, p. 57). No sentido de aclarar os mecanismos pelos quais as identificações operam, Freud retoma a noção de “Ideal do eu”, apresentada em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010).

Examinando os modos de funcionamento das massas, Freud esclarece que uma “massa gregária” consistiria em “[...] *uma quantidade de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu Ideal do Eu e, em consequência disso, identificaram-se uns com os outros em seu Eu*” (Freud, 1921/2020, p. 192, Grifo do autor). Portanto, o processo identificatório se efetua com base em duas estratégias de investimento libidinal, simultâneas e complementares: uma vertical, em que os indivíduos colocam o líder no lugar de seu Ideal do Eu; e outra horizontal, em que os membros da massa identificam-se, pela via de seus investimentos amorosos recíprocos, uns aos outros. E toda relação sentimental comporta sedimentos de afetos de aversão e hostilidade, que foram reprimidos para dar lugar à ligação amorosa.

2.2 A compreensão do ódio como afeto político e a dinâmica social no cenário da racionalidade neoliberal

Lebrun (2008) aponta que o ódio se torna um problema coletivo quando, no processo educacional, a “violência pulsional” e a agressividade inerentes ao funcionamento psíquico, não podendo ser simbolizadas, metabolizadas pela via da linguagem e pela formação de laço com o outro, não encontra outra saída que não seja a violência direta dirigida ao outro — manifestando, então, uma espécie “gozo do ódio” (Lebrun, 2008, p. 32) uma forma de satisfação que se efetua pela via da tentativa de eliminar o outro, visto como obstáculo e impasse à realização das metas e aspirações do sujeito.

No tocante ao cenário da racionalidade neoliberal, Safatle (2021) pontua que o neoliberalismo, na atualidade brasileira, não se resume apenas a um projeto econômico e ao desenvolvimento de políticas neste setor. Para além disso, o neoliberalismo pressupõe um discurso, que atravessa os sujeitos pelo uso de uma linguagem psicológica objetivando maximizar a produtividade econômica. Nesse sentido, além de julgar aspectos econômicos a partir de valores morais, o discurso neoliberal busca evidenciar uma dicotomia entre a política e a economia. O resultado disso é o sofrimento coletivo e a individualização de questões públicas, reduzindo as possibilidades de reação aos problemas sociais.

Como resultado, Safatle (2021) sinaliza um desdobramento contraditório do neoliberalismo no campo político. A veiculação de emoções passa a ser notória, inclusive por agentes estatais, em substituição à nomeação dos próprios conceitos do campo. Assim, uma situação de injustiça social, que ensejaria um problema político a ser resolvido pelo governo, é absorvida pelo sujeito de forma pessoal, como algo que lhe causa “ódio”. A questão social, portanto, será tratada apenas por ele, sem que haja debate pela sociedade, porquanto: “[...] A fala ofensiva visa quebrar a emergência da reação de 'todos', pois ela singulariza, ela ofende um, ela esclarece um [...]” (Safatle, 2021, p. 16).

2.3 O ódio como fenômeno da sociedade brasileira

Com base em Gonzalez (1984), é possível interpretar o lugar do ódio na cultura brasileira. Fundamentada em uma lente teórica psicanalítica, a autora aborda a “neurose cultural brasileira”, entendendo que há uma tentativa de escamoteamento das violências do racismo e do sexismo erigidas no desenvolvimento cultural que ainda permanecem. Apesar dessa dissimulação no discurso, isso não ocorre sem reflexos nas relações sociais,

considerando que essa maneira violenta é sinalizada no tratamento recebido pelas mulheres negras brasileiras (Gonzalez, 1984).

Posto isso, ainda conforme Gonzalez (1984), esse processo de escamoteamento equivale ao “mito da democracia racial, pelo qual a [...] consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como verdade” (Gonzalez, 1984, p. 226). Esse mito, então, seria uma forma violenta de apagamento histórico e social da desigualdade. Nele, difunde-se uma visão idealista de sociedade que ignora as condições concretas díspares na sociedade brasileira, conseqüentes de séculos de escravização e desumanização das pessoas negras. No caso das mulheres negras, esses efeitos são perceptíveis, por exemplo, no período do Carnaval.

Segundo Gonzalez (1984), nessa época de festividade efervescente, há uma “autorização” implícita para a celebração de tudo que for associado à cultura afro-brasileira, como o samba, junto à uma glorificação do corpo das mulheres negras. Já nos demais dias do ano, elas são alvo de desprezo e hostilidade pela sociedade, em razão do racismo. Um exemplo citado pela autora de tratamento hostil é quando a mulher negra é associada à função de “empregada doméstica”.

Para compreender os discursos de ódio na sociedade brasileira, é necessário entender o conceito de “Necropolítica” proposto pelo filósofo camaronês Achille Mbembe. Com base no conceito de “soberania”, que “[...] reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5), e fundamentado por Foucault, o filósofo explica que o exercício de poder do Estado sobre os corpos decorre de classificações que influenciam na aceitação social de determinadas mortes e comportamentos violentos. Tais comportamentos são aceitos em nome da salvação da comunidade de um “grupo perigoso”.

Eis aqui outro modelo de violência identificado pelo autor: “[...] a colônia representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei (ab legibus solutus) e no qual a 'paz' tende a assumir um rosto de uma 'guerra sem fim’” (Mbembe, 2018, p. 32). Neste modelo, encontra-se a brutalidade desenfreada e enraizada na sociedade, direcionada a pessoas que sequer são reconhecidas como tal, ou seja, não tiveram assegurados nem ao menos os direitos à vida. Depreende-se daí que a colônia traz um elemento distinto em relação a outros conflitos, como a guerra, em que os Estados são os

“protagonistas”, vistos como “um símbolo de moralidade” — isto é, existem critérios para destinar a violência (Mbembe, 2018, p. 34).

Mbembe (2018) nota que, nas ocupações recentes, instaurou-se uma nova lógica da colônia, que articula diferentes formas de controle por meio da Necropolítica. Na Palestina, exemplifica o autor, foi imposta uma forma de poder que separa a população a partir da religiosidade e limita a possibilidade dos palestinos de transitarem no território. Essa população é dominada pela constante violência exercida pelas instituições do Estado, sendo citado o Exército. Para maior elucidação quanto à Necropolítica, ele descreve:

[...] das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar 'mundos de morte', formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de 'mortos-vivos' (Mbembe, 2018, p. 71).

Franco (2018), por sua vez, verifica a Necropolítica na história brasileira ao analisar a situação em Perus, cidade de São Paulo, durante a Ditadura de 1964, na qual foram encontrados cadáveres em local impróprio para o sepultamento. O autor destaca dois aspectos centrais: eram pessoas contrárias ao regime político vigente, e seus corpos foram enterrados sem nenhum indício identificatório. Além disso, pontua que não houve transparência nos processos investigativos e ocorreram outras situações análogas a Perus, como a do “Cemitério de Ricardo Albuquerque”. Logo, houve uma “produção de 'desconhecidos'” (Franco, 2018, p. 25).

Pondera o autor que esses mecanismos da Necropolítica levaram à “dessubjetivação” (Franco, 2018, p. 167) das pessoas mortas sem identificação. Pessoas próximas, portanto, perderam o espaço na realização de rituais. Para além das consequências psíquicas da melancolia, há também a dimensão política decorrente da ausência da assimilação dessas partidas. O sentimento relacionado à perda e à indignação com o cenário social resulta em ódio absorvido pelo enlutado (Franco, 2018). Ou seja,

[...] convertidos em sujeitos identificados com uma perda que não podem publicamente reconhecer, nem criticar, nem denunciar, eles internalizam a forma da agressividade supereficiente as injunções que os fazem paralisar e, no limite, assumirem-se como já mortos (Franco, 2018, p. 201).

3. MÉTODO

A pesquisa foi orientada pelo método da “análise psicanalítica de discurso”, compreendendo a relação fundamental entre essa metodologia investigativa e a prática na clínica psicanalítica, que é fundamentada na articulação de diversas dimensões — como a teoria e a metodologia, além da escuta da experiência do paciente, que se organiza a partir da sua fala. A linguagem, a partir da fala do sujeito, desempenha um papel importante nesse processo, pois é através dela que se desvelam os processos inconscientes do seu psiquismo (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016; Elia, 2000; Pinto, 2008).

Com relação à Análise de Discurso, tendo como referência Michel Pêcheux, trata-se de uma metodologia utilizada para compreender os discursos, os quais são significados a partir do desvelamento das relações de poder e do contexto histórico em que são produzidos. Nesse sentido, compreende-se que os sentidos veiculados na fala não são explícitos, mas podem ser interpretados por meio de um dispositivo de interpretação que busca

colocar o dito em relação ao não-dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras (Orlandi, 2015, p. 57)

Vale ressaltar, conforme Iribarry (2003), a importância da formulação do texto a partir dos dados coletados na pesquisa. A elaboração do texto é uma das etapas para a realização do ensaio metapsicológico e a compreensão dos significantes presentes na fala do sujeito da pesquisa. Tal formulação reflete a posição da escuta na clínica, processo conhecido como “leitura-escuta”, que ocorre dentro da relação transferencial da pesquisa. Esse processo envolve a ação do psicanalista de escutar o sujeito, baseando-se em seus referenciais teóricos, e estando atento a indícios em sua fala que apontem para os sentidos ocultos e inconscientes do que é dito. Isso é possibilitado por meio da leitura das palavras na situação de pesquisa.

Diante disso, cumprindo os pressupostos da “análise psicanalítica de discurso”, a pesquisa foi organizada em torno de dois eixos principais: o primeiro envolveu a escuta dos sujeitos participantes da pesquisa, que foram os respondentes do formulário on-line e os autores das postagens e comentários coletados nas redes sociais. O segundo eixo consistiu na formulação de um texto a partir do material coletado nas redes sociais e das respostas do

formulário, os quais são entendidos como “fato discursivo” (Orlandi, 2015, p. 67) e analisados com base nos referenciais teórico-metodológicos da pesquisa.

Para a construção do material, os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: (i) um *Google Forms* (formulário) composto por um questionário; (ii) uma triagem e seleção de conteúdos da internet.

O questionário on-line (*Google Forms*) foi um instrumento que permitiu um maior alcance de pessoas para a coleta de dados e, por se tratar de uma pesquisa sobre um fenômeno social, torna-se uma vantagem esse acesso a uma amostra de diferentes regiões do Brasil, sem implicar no deslocamento do pesquisador (Laville; Dione, 1999). Além disso, por incluir questões abertas, o formulário possibilita que o sujeito expresse mais livremente suas percepções sobre o fenômeno estudado.

Com relação à triagem e seleção de conteúdos da internet, tais materiais foram buscados nas redes sociais para filtrar os discursos de ódio com base nos requisitos previamente estabelecidos durante o levantamento bibliográfico dos conceitos fundamentais da temática deste trabalho. A partir da conjugação entre a análise destas reportagens nas redes sociais e as respostas do questionário, esses materiais discursivos foram transformados em texto digital para a interpretação do fenômeno social e político do ódio, de raízes inconscientes.

O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do CEUB, em consonância com as regulamentações éticas de pesquisas com seres humanos, para prevenir potenciais riscos aos participantes, conforme estabelecido nas Resoluções CNS nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016. Após a aprovação, ratificada no Parecer Consubstanciado do CEP no Anexo A, foram iniciados os procedimentos da pesquisa.

A primeira etapa do procedimento consistiu na revisão e atualização bibliográfica da literatura psicanalítica e das ciências humanas e sociais acerca dos conceitos fundamentais da temática do projeto, como os conceitos de ódio, identificação, luto, melancolia, Necropolítica e neoliberalismo, visto que o discurso de ódio é um tema que tem sido muito pesquisado na atualidade.

Na segunda etapa, foi divulgado nas redes sociais um link para um formulário (Anexo B) elaborado na plataforma *Google Forms*, que consistiu em: (I) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato digital (Anexo A); e (II) um questionário (Anexo B). Puderam responder ao formulário — e, por conseguinte, participar da pesquisa — qualquer

pessoa com mais de dezoito anos de idade, que acredite ser (ou ter sido) afetada por discursos de ódio disseminados em mídias digitais e nas relações sociais de um modo geral.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato digital (Anexo B) consiste em um documento para a segurança ética dos respondentes do questionário, no qual estarão explícitos a temática da pesquisa e os seus direitos como participantes. Já o questionário foi constituído por questões (i) sociodemográficas (como idade, gênero, renda, raça e orientação sexual); (ii) sobre o uso de redes sociais; (iii) sobre a experiência pessoal com os discursos de ódio no ambiente virtual; e (iv) sobre a opinião do participante a respeito de uma charge e de uma reportagem sobre a temática do ódio.

Na terceira etapa, foi realizado um levantamento em redes sociais (*Facebook, Twitter, Telegram* etc.) de postagens, comentários e entrevistas de pessoas públicas que contivessem manifestações atacando ou incitando ódio contra determinados grupos sociais, com base em raça, etnia, gênero, orientação sexual, religiosidade ou nacionalidade. Para essa busca, foram utilizadas palavras-chave/*hashtags* que nos permitissem filtrar e selecionar essas manifestações.

Após a coleta, todo o material foi organizado e sistematizado em documentos no formato *docx.*, do *Word*, e em planilhas *Excel*, de modo a facilitar o tratamento posterior. O material coletado por meio do *Google Forms* e das publicações nas redes sociais foi transformado em um texto em formato digital e posteriormente analisado de acordo com os princípios da “análise psicanalítica de discurso”.

A partir da orientação metodológica, traçamos alguns procedimentos para a análise do material coletado por meio do *Google Forms* e do levantamento de publicações das redes sociais visando compreender o fenômeno dos discursos de ódio na sociedade brasileira.

Na segunda etapa da pesquisa, realizamos três perguntas aos participantes do *Google Forms*: (i) “Qual é a sua opinião sobre as charges apresentadas acima?”; (ii) “Caso tenha respondido 'sim' na questão sobre já ter sido alvo de agressões nas redes sociais, pode nos contar a experiência?” e (iii) “Caso tenha respondido 'sim' na questão sobre conhecer alguém que já foi alvo de agressões nas redes sociais, pode nos contar a sua percepção sobre o caso?”. Esse processo resultou em uma amostra de cento e três (103) respostas, sendo que a primeira pergunta recebeu cem (100) respostas; a segunda obteve trinta e sete (37); e a terceira, sessenta e nove (69) respostas.

Já na terceira etapa da pesquisa, relacionada às publicações das redes sociais que possuíam discursos de ódio em seu conteúdo, foram coletadas cinquenta e quatro (54) publicações com discursos de ódio, que manifestaram racismo, sexismo, xenofobia, aspectos relacionados ao cenário social e político etc.

Conforme previsto no cronograma, as respostas do formulário e as publicações das redes sociais foram transformadas em texto em formato digital e, depois, efetuamos um processo de seleção com base na identificação de publicações cujos conteúdos se relacionassem mais diretamente às temáticas da pesquisa, considerando a forma dos enunciados e quem enunciou (Orlandi, 2015; Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016). Outro critério utilizado foi a postagem fazer referência ao contexto social ou político atual, levando em conta o segundo objetivo específico da pesquisa de investigar o papel da racionalidade neoliberal na formação dos discursos de ódio na atualidade.

A partir dessa seleção, foram analisadas 4 (quatro) publicações das redes sociais *Youtube* e *Instagram* e 13 (treze) respostas recebidas no *Google Forms*, com embasamento nos princípios da “análise de discurso psicanalítica”, buscando desvelar os sentidos do discurso, tendo em vista os determinantes ideológicos, inconscientes e históricos da sua produção (Orlandi, 2015).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer desta seção, apresentaremos os resultados e a discussão da pesquisa, os quais, para melhor compreensão, foram organizados em três eixos principais: (i) ódio e política nas redes sociais; (ii) o medo e o ódio na gestão política; e (iii) impactos subjetivos do ódio.

Tendo em vista a metodologia de utilizar a fonte de dados das redes sociais para a análise de discursos de ódio na divulgação dos resultados, foi necessário o cuidado ético da preservação do sigilo e anonimato dos autores das publicações e dos respondentes dos formulários. Dessa forma, substituímos os autores das publicações pelos nomes das redes sociais e ocultamos os termos que poderiam levar até a fonte original. Além disso, os nomes dos respondentes do formulário foram substituídos por códigos de letras e números.

4.1 Ódio e política nas redes sociais

A partir do levantamento nas redes sociais, foram observadas publicações com conteúdo contendo discursos de ódio contra pessoas nordestinas e pessoas que se alinhavam a partidos políticos identificados à esquerda do espectro político, como pode ser observado no primeiro exemplo da Publicação Número 1.

A Publicação Número 1 é um vídeo que se tornou uma notícia do portal G1 (2022), em razão de seu conteúdo provocar discussões indignadas nas redes sociais devido à hostilidade apresentada na fala. O vídeo aconteceu após o segundo turno das eleições presidenciais de 2022, que resultou na vitória de Luís Inácio Lula da Silva, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), o qual obteve a maior porcentagem dos seus votos no Nordeste, totalizando cerca de 69,34%² dos votos da região (G1, 2023). A fala da pessoa gravada no vídeo expressa a conjuntura política e social da sociedade brasileira marcada pelo ódio, sendo

² G1. Eleição em números: veja destaques dos resultados do 2º turno: Lula (PT) foi eleito com a maior quantidade de votos desde 1989. Petista venceu no Nordeste e na maioria das cidades do país. Já na disputa estadual, União e PT são os partidos com mais governadores eleitos. **G1**, *S.l.*, 31 out. 2023. Eleições. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/eleicao-em-numeros-veja-destaques-dos-resultados-do-2o-turno.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2023.

perceptível um discurso caracterizado por esse afeto, em que verificamos a discriminação de pessoas nordestinas.

De início, a pessoa gravada no vídeo categoriza o grupo que votou no partido do PT da seguinte forma: “são inimigos dele, da igreja e de Deus” (G1, 2022). No decorrer do vídeo, a pessoa diz que não tem nada contra os nordestinos, mas que a partir daquele momento não iria mais à região Nordeste, atribuindo a qualificação negativa de “preguiçosos” ao grupo. À primeira vista, a fala dela sugere uma revolta quanto ao resultado eleitoral. No entanto, afirma não se tratar de um discurso de ódio aos “nordestinos”, enfatizando que não é uma “*Nordestenofobia*” (G1, 2022). Todavia, em seguida, observa-se novamente mais uma leva de ofensas ao povo nordestino, o que sugere que essa tentativa de negar o ódio pode ser interpretada como um efeito do mecanismo psíquico da “repressão”, como pode ser observado na transcrição da fala do vídeo apresentado na reportagem:

Quem votou em Lula no domingo se tornou meu inimigo, petista é inimigo da igreja, petista é inimigo de Deus, petista é seu inimigo. Mas deixa eu falar para V[...] que nasceu em Alagoas, né V[...]? Você nasceu em Alagoas, não nasceu? Recife, V[...] nasceu em Recife, tem alguém aqui além da V[...] que nasceu no Nordeste? Levanta a mão. Tenho nada contra V[...] que nasceu em Recife, tenho nada contra nenhum irmão que nasceu no Nordeste, mas deixa eu dizer uma coisa pra vocês aqui, nunca mais eu gasto um centavo no Nordeste, nunca mais eu vou no Nordeste, no domingo eu falei aqui que eu iria aqui na Convenção na Assembléia da Ordem dos Pastores para falar, eu vou esperar quando a assembleia da ordem for em outro lugar, não vou gastar um centavo com nenhum hotel no Nordeste, não vou comer em nenhum restaurante do Nordeste, não vou comprar nada do Nordeste. É um povo que estão lá, preguiçosos, porque os que não são vieram embora para cá, vieram trabalhar, nordestino é preguiçoso e gosta de viver da migalha, não é para você sentir ódio, não é “*Nordestenofobia*”, não tem “No... No... Nostelofobia”, sei lá o que fobia, não, eu não to com fobia de Nordeste, só que a grande verdade é essa, é um povo que gosta de migalhas, que se contenta com migalhas, não quer um Brasil próspero, um Brasil abundante (G1, 2022).

No artigo *A negação*, Freud (1925/2014) pontua que os conteúdos desconfortáveis e conflitivos ao sujeito e, portanto, reprimidos da consciência, aparecem sem a censura do “recalcamento” a partir da sua “negação” simbólica. Compreende-se que, ao negar algo, o sujeito entra em contato com a parte intelectual daquilo que foi reprimido, estando esta desvinculada do seu componente afetivo original. Assim, quando a pessoa diz o “não”, como no enunciado: “eu não tô com fobia de Nordeste” (G1, 2022), trata-se de uma forma do conteúdo ultrapassar a barreira do “recalcamento” sem o sujeito ter que se responsabilizar pelo seu dizer.

Como observado por Freud (1925/2014), a negação do conteúdo se dá pela função do “juízo” na consciência, sendo a “qualidade” do conteúdo um dos motivos para a sua repressão. Esse filtro de qualidade é gerido pela consciência e está relacionado com as experiências originárias do sujeito, em que o “eu” busca se separar daquilo que lhe causa desprazer.

Nota-se a ideia do ódio no discurso da Publicação Número 1 devido à utilização da palavra “inimigo” no início da fala, marcando uma oposição entre o autor da fala e o grupo de eleitores do PT. Esse movimento de separação, ligado ao afeto do ódio, também é discutido por Freud, que compreende a marca do afeto nas primeiras experiências humanas, nas quais ocorre o ímpeto do bebê de se separar do que lhe causa desprazer, diferenciando esse “mau” do seu “eu” e projetando a causa da sensação ruim no ambiente externo (Flanzer, 2006).

Dessa forma, na fala do vídeo, pode-se interpretar a atuação de uma defesa psíquica de negação em relação ao ódio como uma tentativa de separação da pessoa em relação ao afeto, pois ela homogeneiza e atribui o “mau” ao exterior — mais especificamente ao grupo dos petistas nordestinos (G1, 2022). Assim, a fala da pessoa sugere uma maneira de tentar expulsar esse ódio de si por meio do “não”, e também não ser percebida pelos ouvintes do seu discurso como uma pessoa com esse tipo de sentimento (G1, 2022). Logo, o “não” afirma a existência do ódio que ela sente e, simultaneamente, denuncia a tentativa de dissimulá-lo.

Outro exemplo que expressa igualmente a hostilidade contra pessoas nordestinas — também relacionada ao contexto eleitoral — é a Publicação Número 2, que foi verificada em uma reportagem do portal de comunicação *Terra Notícias*. Segundo a reportagem, a publicação divulgada no *Instagram* apresentou em seu conteúdo um insulto à população dos nordestinos, pelo fato de o Nordeste ter sido a região com menos votos ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. A fala da publicação se refere à região como o local “onde se passa férias” (Redação Terra, 2022) e utiliza o termo “carrapato” para o xingamento contra os nordestinos, como pode ser verificado na transcrição da publicação na reportagem: “Ganhamos onde se produz, perdemos onde se passa férias, bora trabalhar pq se o gado morrer o carrapato passa fome” (Redação Terra, 2022).

A associação do Nordeste à ideia de um povo que não trabalha e o uso do xingamento “carrapato” podem ser interpretados como um discurso de ódio relacionado à lógica da racionalidade neoliberal prevalecente na contemporaneidade. O neoliberalismo se difunde por meio de um discurso que busca a lucratividade e a reprodução do sistema capitalista, afetando o psiquismo dos sujeitos nesse processo e influenciando a valorização de

determinados modos de vida e a administração dos sentimentos das pessoas na sociedade (Safatle, 2021; Redação Terra, 2022).

Dessa forma, um discurso que caracteriza o Nordeste como uma região cuja população não “produz” demonstra a forma com que essa racionalidade neoliberal interpela os sujeitos, se naturaliza no cotidiano e influencia a manifestação de afetos, como o ódio. A ofensa de “improdutivo” é um exemplo disso, pois refere-se a um modelo econômico que estimula e valoriza a produtividade (Redação Terra, 2022). O xingamento “carrapato” está relacionado a essa ideia, visto que carrega a conotação de um ser “parasitário”, sugerindo a noção de dependência. Também pode ser interpretada com uma conotação negativa, se considerarmos o ideal da “competitividade” preconizado no capitalismo (Safatle, 2021).

Como nos diz Safatle (2021), o modelo econômico do neoliberalismo estabelece formas de administração da subjetividade e das ações da população. Uma dimensão disso é o “ideal empresarial de si mesmo”, que influencia na forma das pessoas atuarem e se enxergarem como empresas buscando racionalizar processos humanos, como, por exemplo, as estratégias de “inteligência emocional”. Nesse contexto, é imposta à sociedade a lógica da competição empresarial, que tem como uma de suas características o impedimento da construção de relacionamentos solidários entre as pessoas, pois são percebidos como impeditivos para a evolução econômica. Dessa forma, o medo é estimulado no imaginário social para impedir o vínculo entre as pessoas, facilitando o processo de exploração. Em outras palavras, “Essa violência pede uma justificação política, ela precisa se consolidar em uma vida social na qual toda figura da solidariedade genérica seja destruída, na qual o medo do outro como invasor potencial seja elevado a afeto central, na qual a exploração colonial seja a regra” (Safatle, 2021, p.25). Nesse sentido, o dicionário on-line de língua portuguesa *Michaelis* define “parasita” da seguinte forma:

1 BIOL Diz-se de ou organismo que vive em outro organismo (hospedeiro), dele retirando seu alimento e geralmente causando-lhe dano. **2 PEJ** Diz-se de ou pessoa que não trabalha, ociosa e indolente e que vive à custa alheia; chupa-sangue, comedor, desfrutador, esponja, gandulo, gaudério, gofero, inútil, pançudo, sanguessuga, vagabundo, zângano: “Boa-Vida não era dos que mais faziam pela vida. Gostava de deixar a vida correr, sem se preocupar muito. Era mais um parasita do grupo. Um dia, quando lhe dava ganas, entrava numa casa de onde trazia um objeto de valor ou batia o relógio de um homem” (JA) (Parasita, 2023, Grifo do autor)³.

³PARASITA. In: MICHAELIS, Dicionário Online de Português. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/parasita/%3E.%20Acesso%20em%2010%20de%20abr.%20de%202023>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Com base na definição de “parasita” do referido dicionário, encontramos, no segundo sentido, a ideia da improdutividade, desvalorizada socialmente, explicada no parágrafo anterior. Por outro lado, chama a atenção o primeiro sentido, pois remete à ideia de um ser que “retira” algo do outro. Conforme explicado anteriormente, a sensação de que o outro está lhe retirando algo, destituindo o seu poder econômico ou social é precursora de afetos como o ódio e está ligada ao discurso do bolsonarismo na sociedade brasileira, sustentado pelo “ressentimento” da população quanto aos avanços sociais dos últimos anos, levando grupos conservadores a se identificarem enquanto vítimas desse processo (Dunker, 2021). Assim, podemos interpretar que o discurso desvela essa dinâmica inconsciente do ressentimento, em que os nordestinos são vistos como adversários que estão lhe retirando algo.

Esse afeto do “ressentimento” também pode ser interpretado nos discursos presentes na Publicação Número 3 e na Publicação Número 4 (Figura 1), a partir da presença dos significantes “ladrão” e “bandido”.

A Publicação Número 3 trata-se de uma notícia veiculada no UOL (2022) e que apresenta um vídeo postado na rede social *Youtube*, retratando o debate presidencial que aconteceu no ano de 2022 entre os candidatos à presidência Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. No discurso de Bolsonaro, é evidente a identificação do grupo das pessoas que estavam com Lula na favela do Rio de Janeiro como “traficantes”:

Eu conheço o Rio de Janeiro, o senhor esteve no Complexo do Salgueiro. Não tinha um policial do seu lado, só traficante. Tanto é verdade sua afinidade com traficantes e bandidos que nos presídios do Brasil, cada cinco votos, você teve quatro votos (UOL, 2022).

A partir da fala de Jair Messias Bolsonaro, observa-se que ele não se refere diretamente a Luiz Inácio Lula da Silva como “ladrão”, mas faz menção à imagem de Lula como uma pessoa associada a “bandidos” em seu discurso. Levando em consideração os elementos históricos que podem ter influenciado a formulação dessa fala, é possível citar a decisão do ministro Paulo de Tarso Sanseverino de proibir a associação entre a imagem de Lula e a ideia de “ladrão” no contexto eleitoral. Essa decisão pode explicar a ocultação dessa fala registrada

no vídeo do debate. Todavia, mesmo sem utilizar explicitamente o termo “ladrão”, o discurso ainda sugere uma ligação entre Lula e pessoas criminosas (UOL, 2022; TSE, 2022).

Dessa forma, tal qual na Publicação Número 2, é possível interpretar na notícia da UOL (2022) o sentido oculto do termo “ladrão”, que simboliza alguém estar retirando algo do outro, expressando novamente a sensação do “ressentimento” de uma parcela da população cooptada pelo discurso do bolsonarismo. Assim, nota-se o simbolismo da palavra “ladrão” relacionado à figura de Lula como expressão de uma sociedade ressentida, na qual as pessoas sentem-se autorizadas a descarregar seu ódio no outro, o qual ocupa a posição de “obstáculo” para seus ideais. Tendo em vista o cenário de disputa eleitoral, podemos levantar a hipótese de que um voto em outro candidato constitui uma ameaça para o ideal de país dos bolsonaristas, por exemplo (UOL, 2022; Dunker, 2021).

A Publicação Número 4 (Figura 1) foi feita na rede social *Instagram*, em que verificamos o uso da palavra “ladrão” de forma enfática na imagem. O contexto da postagem era o das eleições presidenciais de 2022 e, na sua descrição, observa-se uma frase que qualifica positivamente como “decentes” as pessoas que optaram por não votar em Lula — o que, nesse contexto, significava a opção pelo voto no candidato Jair Messias Bolsonaro. Além disso, na descrição da postagem há o uso de *hashtags* que corroboram com essa exaltação de Bolsonaro, a partir de elementos como “#mito”, “#capitaodopovo”, “#bolsonaro22” e “#fechadocombolsonaro” (Instagram, 2022).

Figura 1 - Publicação encontrada na rede social *Instagram* cujo conteúdo associa a imagem de Lula ao significante ladrão



Fonte: Instagram (2022)

Para melhor compreensão do discurso trazido na postagem, é relevante considerar o processo de formação de “massas” na contemporaneidade a partir de uma perspectiva psicanalítica. Esse processo é determinado pelo contexto da configuração econômica do neoliberalismo, o avanço do capital financeiro e o desenvolvimento das novas tecnologias. No âmbito da sociabilidade capitalista, há um fomento do consumo ilimitado de mercadorias, influenciando um modo de vida centrado no gozo excessivo. Além disso, a universalização da verdade difundida pelo campo científico exerce influência sobre as pessoas e promove divisões, alinhando-se à segregação da população gerada pelo sistema capitalista. Isso se dá por meio da gestão neoliberal a partir do capital financeiro, que atua de forma velada e institui uma forma hegemônica de gozo para a população, contribuindo para a separação dos diferentes (Rinaldi, 2018, 2021).

Quanto ao campo das tecnologias, compreende-se que os relacionamentos nas redes sociais envolvem uma dinâmica de processos identificatórios entre os perfis da rede, que podem ser veiculados para fins políticos. Observa-se que as “massas” formadas no mundo virtual são caracterizadas por sua espontaneidade, mas exercem impacto concreto na

dinâmica política ao interferirem nos resultados das eleições do “mundo real” (Rinaldi, 2021). Como exemplo, Rinaldi (2021) cita o caso da “*Cambridge Analytica*”, que utilizou a plataforma do *Facebook* com objetivos políticos. Nesse contexto, foi desenvolvido um modelo estatístico que usou os dados dessa plataforma virtual do *Facebook* com o objetivo de alcançar anonimamente as pessoas por meio de mensagens adequadas à “personalidade” inferida dos dados dos perfis da plataforma, visando impactar as votações das eleições nos Estados Unidos e no referendo do Brexit no período.

Rinaldi (2021) pontua que o convencimento dos membros da massa acontece de forma particular, tendo em vista os interesses de cada perfil, na intenção de, posteriormente, constituir um grupo de “semelhantes” identificados com um determinado candidato. Esse processo não reivindica uma interação presencial com o candidato para ele conquistar seu espaço como “líder” da massa, tal como era a dinâmica de funcionamento das massas analisadas por Freud, mas essa formação acontece a partir das próprias redes sociais, que, com um objetivo político, “[...] procura domar as diversas formas de gozo e produzir uma uniformização do gozo a ser vendido como ideal [...]” (Rinaldi, 2021, p. 61).

Sendo assim, percebemos essa lógica de formação de massas nas redes sociais na Publicação Número 4, por meio do uso das *hashtags* que canalizam os usuários do *Instagram*, como pode ser interpretado pelas *hashtags* “#conservadorismo”, “#nãoaideologiadegenero” e “#liberdadeexpressão”. Nota-se que essas três ideias articulam-se entre si. A primeira está relacionada a um movimento de conservação dos valores da organização social; a segunda, a uma pauta desse movimento, expressa no campo dos direitos sexuais e reprodutivos. O avanço desses direitos é visto de forma ameaçadora à organização social, sendo considerado como “ideologia” por grupos reacionários que se supõem neutros, embora estejam a favor da ideologia dominante (Gomes Ferreira, 2016). No caso da *hashtag* “liberdade de expressão”, apesar de ser um direito constitucional, nota-se a subversão do seu significado na atualidade brasileira, visto que é utilizado como premissa na defesa de discursos de ódio contra grupos vulnerabilizados socialmente (Martins, 2019).

Outrossim, no processo de formação das massas, o “líder” ocupa a posição do referido “ideal do eu”, sendo isso influenciado por um contexto social caracterizado pela difusão da ideia da desordem que afeta psiquicamente as pessoas na medida em que se sentem desprotegidas na sociedade (Freud, 1921/2020). Um exemplo citado por Rinaldi (2021) de uso dessa estratégia de “desordem social” é o mote da corrupção.

De modo semelhante, percebe-se, na Publicação Número 4 (Figura 1), as ideias de “desordem” e “insegurança” sendo transmitidas por meio dos significantes “ladrão”, “corrupção” e pela defesa do “conservadorismo”. Dessa forma, a publicação pode ser interpretada como um reflexo de uma conjuntura suscetível ao aparecimento de discursos de ódio de forma banalizada, como resposta ao temor da desordem social (Rinaldi, 2021).

Além disso, na Figura 1, Jair Messias Bolsonaro ocupa a posição do “líder” em relação ao seu eleitorado, perceptível pelas hashtags “#mito” e “#capitaodopovo”. Isso sugere que a figura de Bolsonaro é vista de forma idealizada pelo grupo de seus eleitores, como solução para os problemas sociais, como o “combate à corrupção” (Rinaldi, 2021). Conforme Rinaldi (2021), a própria dinâmica da massa pressupõe hostilidade aos que estão fora do grupo: enquanto o amor é destinado aos iguais e ao líder, o ódio é reservado aos diferentes e estranhos aos interesses da massa.

Em relação à questão 1 do formulário (Anexo B), percebemos a presença de falas de participantes da pesquisa que corroboram com essa perspectiva. Isso é evidenciado nas respostas dos participantes M4 e M20. O Participante M4 relatou:

Acredito que fazem uma crítica interessante sobre o modo que as dinâmicas das redes sociais vem sendo pautadas, com cultura do cancelamento, do linchamento virtual. E como o ódio e a raiva voltada a um inimigo construído (no caso político brasileiro, em relação a segunda charge o ódio à esquerda, ao pt) ditam as dinâmicas políticas bem mais do que a proposta e a atuação política. Ainda é possível pensar sobre a alta disseminação de fake news que trabalham com notícias falsas que despertam ódio e revolta voltada a um grupo, pessoa ou ideologia (Participante M4).

O discurso do Participante M4 destaca a propagação de ódio através das tecnologias, ilustrando o fenômeno das massas elucidado por Rinaldi (2021). Na situação em questão, observamos que o ódio dentro do grupo se manifesta através do "antipetismo" e contra a esquerda. Chama atenção o trecho: “ditam as dinâmicas políticas bem mais do que a proposta e a atuação política” (Participante M4). Isso pode ser interpretado como a maneira pela qual essa dimensão afetiva tem ganhado mais influência do que as ações concretas no âmbito político. Em outras palavras, a dimensão racional que deveria orientar a escolha de um candidato, incluindo suas propostas de governo, acaba tornando-se "irrelevante" devido à intensidade da dimensão afetiva do ódio (Rinaldi, 2021).

Por sua vez, o Participante M20 respondeu a questão 1 do formulário da seguinte forma:

As duas me geraram desconforto por remeterem a realidades extremas vinculadas à discursos de ódio. Me incomoda um movimento que percebo de massificação desses discursos, que parece desresponsabilizar as pessoas de suas próprias ações. *Esse ódio chega para mim como um sentimento esvaziado de uma percepção de si mesmo que motiva ações automáticas e gera consequências extremas contra outras pessoas.* Me incomoda por ser tão atual! (Participante M20, Grifo nosso).

A realidade na qual o “ódio” parece ter se tornado uma “regra” nos leva a questionar sobre como os sentimentos de culpa e de responsabilidade têm “funcionado” na sociedade brasileira. Como mencionado anteriormente na seção 2.1, para Freud, a cultura domina os impulsos agressivos dos sujeitos para permiti-los conviver em sociedade, de modo que a convivência no laço assume um caráter coercitivo. Uma consequência desse processo de dominação é o deslocamento do impulso agressivo que ele dirigiria aos outros para seu “eu”, por meio da instância do “supereu”, que origina o “o sentimento de culpa e a necessidade de punição” (Siqueira, 2015, p.144).

Ademais, é relevante destacar a importância do sentimento de “culpa” para a organização social, mesmo que possa causar sofrimento psíquico. Existem duas fontes da culpa. A primeira é relacionada a fatores externos, na qual o sujeito sente receio de agir por impulso, ser punido pela civilização e ter que viver sozinho, ou seja, “está relacionada com o desamparo humano e o medo da perda do amor” (Siqueira, 2015, p. 144). A segunda fonte de culpa reside na atividade do “supereu”, na qual o sujeito se pune internamente tanto por atos concretos quanto por fantasiar cometer um ato agressivo. Outra perspectiva sobre a culpa é entendê-la como uma forma de “masoquismo moral”, na qual a pulsão agressiva suprimida é erótica e capaz de proporcionar prazer. Assim, ao sentir culpa, o sujeito sofre ao se punir, mas, ao mesmo tempo, obtém satisfação pulsional (Siqueira, 2015).

A análise do ódio manifestado na sociedade atual pode ser relacionada à noção de “responsabilidade” trabalhada por Lacan, pois está relacionada com a forma como o descumprimento da lei e as formas de respondê-lo são estabelecidos em cada período histórico. Além disso, implica o sujeito na compreensão do crime, ao considerar a determinação inconsciente do ato e por buscar compreender como o sujeito agressor assimila a punição da lei. Nessa perspectiva, consideram-se os condicionantes psíquicos e sociais do ato agressivo da pessoa para que seja possível reintegrá-la socialmente.

Assim, quando a Participante M20 traz, em sua fala, a massificação do discurso, que parece levar a uma “desresponsabilização” social, podemos pensar em como promover a responsabilização dos agressores e a sua conscientização moral em relação ao ódio

banalizado. Conforme pontuado por Siqueira (2015), atribuir simplesmente a causalidade de um crime ao pressuposto da “loucura” não apenas é um equívoco, mas também retira a possibilidade de responsabilização pelo que o sujeito fez. Portanto, é importante pensar nos modelos de laço social que sustentam esses discursos, bem como as formas de penalização legal dos discursos de ódio, sem ignorar as dinâmicas psíquicas que também determinam essas ações.

O Participante M37 também respondeu à questão 1 do formulário, entendendo que as charges representam o momento atual, o que podemos relacionar ao fenômeno do ódio por ele mencionar explicitamente a questão da violência e da separação entre as pessoas.

Dizem muito sobre o momento que estamos vivendo atualmente. Polarização na política, opiniões baseadas em fake News, ódio e violência gratuitos, carência, necessidade de pertencimento e a falsa crença de que sempre haverá um herói para nos salvar da queda. Política de contos de fadas para um povo cansado de perder (Participante M37).

Um primeiro ponto que chama a atenção no discurso do Participante M37 é a ideia da “falta de pertencimento” mencionada, que pode ser interpretada como um sintoma das características das relações interpessoais na contemporaneidade. Atualmente, no Ocidente, observa-se que o indivíduo é constantemente invadido, pelas mídias, por imagens dos perigos a que se está sujeito, como desastres ambientais e crimes, o que leva a uma sensação de insegurança e desconfiança em relação ao outro, que passa a ser visto como seu inimigo e um risco à própria vida. Nesse sentido, sobressaem relações pautadas no distanciamento e na violência entre as pessoas como efeitos dessa sensação (Barbosa; Campos; Neme, 2021).

Corroborando com essa perspectiva está a “lógica do condomínio”, que cria barreiras físicas para a formação de um grupo de iguais em determinado espaço, impedindo a entrada dos “perigos” que estão além das fronteiras. Além disso, destaca-se a precariedade dos vínculos entre as pessoas, em que o desejo de aproximação entre elas se confronta com uma realidade que supervaloriza a própria imagem e torna o outro difícil de ser percebido como digno de confiança, obstaculizando relacionamentos significativos e duradouros (Barbosa; Campos; Neme, 2021).

Outro ponto interessante trazido na fala do Participante M37 é a referência de um “herói” no campo da política, e a qualificação da política como “conto de fadas”. Essa noção pode ser interpretada como um mundo encantado, algo que provoca uma hipnotização e admiração do sujeito que está fora da realidade, remetendo à dinâmica de relacionamento

entre as massas e o líder explicada por Freud (1921/2020), como mencionado na seção 2.1.

Essa união das massas está sustentada pela ligação libidinal entre os seus integrantes e o líder, privilegiando o afeto em detrimento da razão, causando uma sensação de “encantamento” dos sujeitos em relação ao líder idealizado. Diante disso, nessa conjuntura política das eleições de 2022, percebe-se uma dinâmica de massas entre o eleitorado e um presidente visto como o “herói” (o líder) do “conto de fadas”, representando a salvação da população. Vale lembrar que o amor entre os integrantes da massa guarda resquícios do ódio reprimido e do ódio que separa esse grupo dos não-pertencentes a ela, explicando o “ódio e [as] violências gratuitas” mencionadas pelo participante (Freud 1921/2020; Participante M37).

Ao considerar o ódio e a sua relação com a política e as tecnologias na atualidade, torna-se necessário entender o conceito freudiano de “narcisismo das pequenas diferenças”. Reino e Endo (2011) o sintetizam, destacando que a “Coesão e satisfação da destrutividade acabam por formar os dois pólos dessa noção” (Reino; Endo, 2011, p. 24). Eles criticam como esse mecanismo psíquico repercute socialmente em tendências agressivas direcionadas a determinados grupos sociais, fundamentados na estigmatização, fazendo ignorar as semelhanças existentes com esses outros, para manifestar a agressividade em relação à diferença.

Reino e Endo (2011) pontuam a dificuldade no reconhecimento da diferença desde a infância, quando a criança identifica que os órgãos genitais masculinos e femininos não são semelhantes e tenta negar a ideia, visto que está associada à castração e porque implicaria no reconhecimento da falta ou do risco da perda do próprio falo, abalando a percepção sobre o seu corpo, isto é, “os contornos da imagem corporal - um dos nomes do narcisismo” (Reino; Endo, 2011, p. 18). É válido ressaltar que o conceito de “narcisismo” não é utilizado apenas para analisar fenômenos relativos à diferença sexual, mas trata-se de um mecanismo psíquico presente em qualquer tipo de relação do eu com uma alteridade, algo que é estranho e diferente de si próprio (Reino; Endo, 2011).

Destacam-se três pontos principais para a compreensão do conceito freudiano de “narcisismo das pequenas diferenças”. O primeiro está relacionado à falta de reconhecimento do outro, ainda que tenham algumas características em comum, pois as diferenças se sobressaem. A segunda é a tendência humana ao ódio em relação a essas diferenças. E a

terceira é a relação entre esse conceito com o princípio cristão que orienta o laço afetivo do amor entre os “irmãos” fiéis (Reino; Endo, 2011).

Um sentido atribuído ao conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” se desenvolve a partir de uma parábola elaborada por Schopenhauer. A parábola descreve a situação de porcos espinhos que têm que permanecer juntos para sobrevivência contra o frio, mas o espinho impede a aproximação entre eles, ferindo e impedindo a manutenção do calor. Disso resulta uma solução parcial e ineficiente dos animais para a “proximidade” que não supera o frio completamente, mas evita a ferida pelos espinhos. Assim, trata-se de uma interpretação sobre a relação entre as pessoas na sociedade, por necessitarem uns dos outros, mas não conseguirem evitar as consequências do relacionamento (Reino; Endo, 2011).

Freud analisa essa parábola e concentra-se no ódio inerente às relações humanas, em que os “espinhos” são evitados nos contextos de formação de uma “massa”. Nesse contexto, os membros conseguem superar as suas diferenças em razão do vínculo que surge a partir da energia libidinal. Essa ideia é explicada pelo conceito “narcisismo das pequenas diferenças”, que descreve a relação unida que os integrantes da massa desenvolvem, agindo como se fossem apenas um “eu” a custo da segregação dos demais que não são seus semelhantes (não pertencentes à massa) (Reino; Endo, 2011).

Vale explicar o conceito de “pulsão de morte”, referido “[...] como uma tendência que levaria à eliminação do organismo” (Azevedo; Neto, 2015, p. 70). Isto é, trata-se de uma força intrapsíquica que impele o sujeito a buscar um estado sem tensão, resistindo a transformações. Uma das manifestações da atividade dessa pulsão é a “repetição”. Freud constatou que, na clínica, era comum observar sujeitos que não recordavam de acontecimentos traumáticos, e repetiam comportamentos que causavam sofrimento psíquico. A explicação encontrada foi que, por meio da repetição, o psiquismo se torna menos sensível a essa situação desprazerosa, pois ela se torna familiar, minimizando a descarga de tensão no aparelho psíquico (Azevedo; Neto, 2015).

A pulsão de morte permite a compreensão de fenômenos correntes no atendimento clínico e na sociedade. Sua atividade é influenciada pela pulsão com finalidade contrária, a “pulsão de vida”, que resiste ao potencial destrutivo do organismo e promove a “atividade” no psiquismo. A pulsão de vida pode redirecionar a tendência à morte para fora do corpo, para os outros, evitando que seja direcionada ao próprio organismo. Não obstante, é possível que ambas as pulsões atuem conjuntamente, resultando em um destino com menos

sofrimento para o organismo. Isso porque a prevalência da atividade da pulsão de morte está relacionada com a manifestação de sintomas e sentimentos agressivos direcionados ao próprio sujeito ou a outras pessoas (Azevedo; Neto, 2015).

Posto isso, compreende-se a relação entre o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” e o de “pulsão de morte”. Entende-se que, para ser inserido em uma cultura, o indivíduo não pode seguir suas tendências pulsionais livremente, sendo necessário reprimir ou redirecionar a descarga energética.

No caso da pulsão de morte, que envolve a tendência à hostilidade, uma das formas socialmente permitidas de liberá-la é por meio do sistema capitalista, no qual a exploração é uma forma aceita, mas escamoteada, de agressividade. Outra forma é o “narcisismo das pequenas diferenças”, conforme analisado por Freud em relação às massas, em que a ligação entre os membros das massas ocorre pela identificação de um alvo semelhante para descarregar a pulsão de morte. Isso é bem exemplificado pelas Publicações 1, 2 e 3, nas quais os discursos de ódio são direcionados a grupos sociais específicos, tais como pessoas nordestinas, pessoas de esquerda e pessoas que moram na favela (Reino; Endo, 2011).

Para melhor compreensão do fenômeno do ódio no ambiente virtual, podemos recorrer a Ferreira (2018), que analisa a relação entre tecnologia e ódio no campo social, focando nas mobilizações coletivas nos cenários europeu e brasileiro no período de 2011 a 2016. Nessa direção, ele explora a influência da linguagem das redes (como os memes) na criação de identidades coletivas e na articulação entre as pessoas.

Ao considerar a dimensão cultural na forma que as imagens são veiculadas na intenção de conquistar o público das redes para mobilizações, uma estratégia importante na transmissão é a “expressão emocionalmente carregada para motivar futuros participantes” (Ferreira, 2018, p. 188). No entanto, essa estratégia é ambivalente: por um lado, ela possibilita a união entre os usuários por meio do apelo emocional e da identificação; mas, por outro, também pode suscitar o ódio no meio virtual. É preciso ter em vista que há uma constante difusão de informações no espaço virtual, na qual o usuário é confrontado com postagens que ele se identifica e outras que ele discorda e repele. Diante disso, Ferreira (2018) conclui que a emergência do ódio no cenário das mobilizações políticas é evidente.

Recorrendo ao conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, podemos explicar o ódio que o sujeito ou o grupo destina a tudo o que é diferente daquilo com o que se identifica, considerando esse outro diferente como um risco a si mesmo. É relevante ressaltar que,

embora as redes sociais tenham o potencial de articular pessoas em prol de transformações sociais benéficas para o grupo, elas também abrem precedentes para a disseminação de ódio, como notado no cenário político brasileiro a partir de 2013 (Ferreira, 2018).

Ademais, é importante destacar a presença do ódio no processo da formação de grupos, nos quais os não pertencentes são vistos como ameaça ao narcisismo envolvido na identificação entre os membros, o que leva os “de fora” a serem alvos do ódio. Esses processos são replicados no campo das redes sociais (Ferreira, 2018). Nesse campo virtual, acontecem identificações entre as pessoas, o que leva a ataques de ódio, impossibilitando o exercício da política, que pressupõe o diálogo com a diferença. Um aliado desse processo é a lógica das “bolhas” nas redes, que atraem apenas pensamentos semelhantes, refletindo novamente o conceito do “narcisismo das pequenas diferenças”. Adicionalmente, a falta da presença física da outra pessoa contribui para o ódio, uma vez que a atividade virtual é realizada por meio do esconderijo das telas (Ferreira, 2018). Essa propagação de ódio nas redes sociais também foi observada nas respostas analisadas na questão 1 do formulário divulgado on-line (Anexo A). A Participante M3 relata o sentimento de decepção com o ódio disseminado a diferentes grupos através das redes sociais, associando-o à falta de reflexão sobre o “conteúdo” e à facilidade da propagação do afeto na rede (Participante M3).

Me sinto decepcionada com nossa sociedade, e a forma que o ódio está presente e se propaga por ela. Todo dia discursos novos de ódio atacada do diferentes grupos, e pior muitos espalham esse ódio sem nem saber por que (Participante M3).

Essa lógica é bem explicada por Rinaldi (2021), que descreve o mundo virtual como sendo caracterizado por um modo de relacionamento entre as pessoas que não exige que estejam no mesmo espaço físico e nem o reconhecimento mútuo entre os usuários, permitindo atuar anonimamente. A comunicação nas redes sociais ocorre principalmente entre pessoas identificadas entre si, e a interação com pessoas distantes fisicamente privilegia a dimensão imaginária em detrimento da dimensão simbólica nas relações. Isto é, “A primazia do imaginário deixa na sombra a dimensão simbólica e especialmente a dimensão real do outro, evidenciada no enigma que envolve a presença” (Rinaldi, 2021, p. 59), o que pode resultar em manifestações de ódio em vez de diálogo. Nesse contexto, prevalece a ausência da verdade no espaço virtual, uma vez que o usuário pode criar uma ficção sobre a outra pessoa, e o que determina a “verdade” é o número de “curtidas” decidido pela maioria (Rinaldi, 2018). Assim, podemos entender que, em conjunto, essas características facilitam a

disseminação do ódio no ambiente virtual e expressam a lógica descrita na fala do participante M3, quando menciona a velocidade e quantidade de manifestações de ódio disseminadas diariamente no ambiente virtual “sem nem saber o por que” (Participante M3).

Essa dinâmica das redes sociais também é contemplada na resposta dos participantes M11 e M32 à questão 1 do questionário do *Google Forms*. O Participante M11 categoriza o ódio e o medo como os afetos que se manifestam de forma mais expressiva no campo da política atualmente, entendendo que, no cenário brasileiro, acontece um “contágio” pelo ódio, sugerindo a ideia de um “vírus” que se propaga principalmente por meio das redes sociais.

Acho que as charges falam da disseminação do ódio como um dos principais afetos (junto com o medo, e acho que os dois tão bem ligados) que regulam comportamentos políticos hoje... A primeira charge em especial me impactou. Acho que é bem real esse contágio e essa banalidade do ódio no Brasil dos últimos anos. Em geral, sinto que as redes sociais estimulam e fazem emergir nossos piores afetos (Participante M11).

Por sua vez, o Participante M32 corrobora com essa ideia de propagação do ódio ao identificar a causa do linchamento das pessoas no meio virtual a partir da ideia do “efeito manada”. Além disso, afirma que o ódio no meio virtual se dissemina de forma mais fácil que o bem, como pode ser observado no seguinte trecho:

Retratam o universo da internet hoje. Onde não são necessárias razões para um linchamento de uma pessoa, apenas um efeito manada, da mesma forma que não são necessárias razões para uma escolha política consciente... basta que a massa odienta esteja em uma direção para gerar uma onda. E essa onda sempre é maior e mais forte quando motivada pelo ódio. A maldade é combustível muito mais potente para uma mobilização web do que o bem (Participante M32).

Dessa forma, fica evidente nos relatos do Participante M11 e do Participante M32 a permeabilidade do ódio nas redes sociais, assumindo um movimento “viral” ou “massivo”. Esse movimento pode ser explicado pela própria forma de funcionamento das redes sociais, como argumentado anteriormente a partir de Rinaldi (2021). No entanto, essa propagação também pode ser influenciada pelo cenário político, como notado pelo Participante M11. Nesse contexto, o medo e o ódio podem servir como estratégia política para a articulação das massas, assunto que vai ser mais aprofundado na seção 4.2.

É necessário destacar o caráter ambivalente das redes sociais, que podem ser tanto um veículo de união entre as pessoas, como também servir à disseminação do ódio. Por um

lado, nota-se o potencial transformador benéfico das redes sociais, pois a articulação política no espaço virtual pode gerar ações e efeitos na vida real favoráveis para a população. No entanto, elas também podem solapar a própria função da política caso sejam usadas apenas como veículo de ódio, sem nenhuma finalidade associada a uma causa social. Vale salientar que existe um “antagonismo necessário ao campo político” (Ferreira, 2018, p. 195), porque há o conflito de ideias entre as pautas de cada grupo na sociedade, sendo constitutivo da política a influência “heterogênea” de pensamentos. Portanto, não se trata de atribuir um caráter fatalista às redes sociais, mas reconhecer que, na última década, elas têm servido para a propagação de ódio, ultrapassando o limite do “debate” de ideias que é essencial na política (Ferreira, 2018).

4.2 O medo e o ódio na gestão política

No documentário *O guia pervertido da ideologia* (O GUIA, 2012), o filósofo Slavoj Žižek analisa o filme *Tubarão*, de 1975, do diretor Steven Spielberg, que retrata a perseguição de uma população norte-americana a um tubarão, visto como uma ameaça à vida dos moradores da região. Em sua análise, Žižek compreende que o animal representa todos os medos da população, concentrados nessa figura ameaçadora que é enxergada como o “monstro” a ser combatido. Ele pondera que essa hostilidade dirigida ao tubarão é funcional para orientar e simplificar a relação das pessoas com a realidade, pois passam a ter apenas o “tubarão” como inimigo, ignorando os múltiplos perigos oferecidos pela vida.

A partir da simbologia do filme *Tubarão*, Žižek relaciona essa dinâmica psíquica com os acontecimentos históricos de movimentos ideológicos e autoritários, como o nazismo, nos quais os cidadãos encontram-se em uma situação de insatisfação generalizada com o cenário social, moral, político e econômico, e elegem um inimigo a ser vencido para restaurar a ordem da sociedade como forma de resolver essas insatisfações. No caso do movimento fascista na Alemanha, a imagem do “judeu” foi identificada e difundida como a causa dos males sociais, levando esse grupo a sofrer as consequências mais atroztes com o respaldo do resto da sociedade (O GUIA, 2012).

Propomos, aqui, um paralelo da metáfora trazida por Slavoj Žižek com o conceito freudiano de “paranoia”. Definido como mecanismo psíquico de defesa, é caracterizado pela expulsão de uma ideia conflituosa para o “eu”, projetando essa crença externamente no

Outro. Tal crença é caracterizada por ser inabalável e com um caráter persecutório. Isso resulta em um processo no psiquismo do sujeito que substitui a agressividade interna pela ideia fictícia de existir um rival agressor externo a ser vencido (Calazans; Matozinho, 2021).

No campo da política, tal fenômeno é denominado como “paranoia em massa” (Calazans; Matozinho, 2021, p. 16) e se expressa em regimes de poder autoritários, nos quais constrói-se uma identidade nacional em oposição a um “inimigo” do país. Nessa perspectiva, o líder da massa é o representante e transmissor da paranoia que orienta as ações do grupo.

Conforme explicado por Calazans e Matozinho (2021), o medo e o ódio são característicos do mecanismo de defesa da “paranoia” e estão presentes no campo da política. Um exemplo recente de um cenário que propiciou o tom paranoico na política ocorreu durante a pandemia do coronavírus, que representava um perigo real de contaminação pelo vírus, mas que também foi interpretada como uma punição moral devido ao estilo de vida da sociedade considerado fora da “ordem”. Vale mencionar que as ficções criadas pela paranoia reforçam a separação entre as pessoas e estimulam o temor social, sendo funcional para a ideologia da extrema-direita e da gestão neoliberal. No contexto da pandemia, os autores enfatizaram que o temor em relação ao vírus abriu precedentes para o autoritarismo e tornou a população mais suscetível a aceitar medidas econômicas que, em cenários “normais”, talvez não seriam aprovadas. Um exemplo citado pelos autores foi o caso de países que adotaram medidas mais rígidas contra inimigos políticos e imigrantes, justificando essas ações como defesa contra o vírus.

Para melhor elucidação, pode-se descrever o fenômeno da “paranoia em massa” da seguinte forma:

Uma marca desse empuxo à paranoia encontra-se neste recurso constante a uma teoria da conspiração que se fundamenta em elementos de uma visão maniqueísta do mundo, uma vez que descreve uma eterna luta entre as forças do bem e as forças do mal, liberdade versus comunismo. Assim se instaura a externalização de um inimigo necessário, sob o qual eu fortaleço minhas convicções (Calazans; Matozinho, 2021, p. 17).

Diante disso, podemos observar a relação entre esse fenômeno da paranoia com a resposta da questão 1 do formulário (Anexo B) dada pelos participantes M40 e M42.

A primeira charge me suscita medo, pois evidencia o poder que a disseminação de fake news tem sobre a vida de alguém. Recordo o caso de uma mulher que foi confundida como uma suposta sequestradora de crianças, e por conta disso foi linchada até a morte. A segunda charge é cirúrgica ao retratar o atual cenário

político, em que a polarização é vendida como um “nós contra eles”, ou, utilizando do “lema” da campanha do atual presidente Bolsonaro, “a luta do bem contra o mal”. A atribuição de valores morais nessa decisão, fomenta o ódio ao outro como justificativa de voto (Participante M40).

Nota-se que o Participante M40 realiza uma associação entre o ódio como motivação política e o contexto de disputa eleitoral de 2022. Ele destaca o lema da campanha do político Bolsonaro, que promove a ideia de uma polarização da sociedade através da “batalha moral”, com o bem representado pelo lado do partido de Bolsonaro e o mal pelos seus opositores. Na fala do participante, fica evidente a denúncia do apelo moral utilizado como estratégia política para convencer a população em relação a um determinado posicionamento político, que expressa o mecanismo da paranoia. De maneira semelhante, o Participante M42 descreve essa lógica ao falar sobre o recurso empregado por campanhas políticas para criar oposição contra um grupo X, considerado uma ameaça à integridade, utilizando a ideia de “ameaças existenciais”, como pode ser verificado no seguinte trecho:

Acho que elas refletem bem a realidade. A primeira é uma boa metáfora para o comportamento do que eu percebo como uma minoria vocal em redes sociais. A segunda reflete um momento político em que as campanhas dos candidatos mais visíveis e populares se baseiam muito em ataques aos oponentes. Discursos sobre ameaças existenciais parecem comuns na política, ideias como "temos que atacar o grupo X porque eles querem nos destruir" (Participante M42).

Assim, a partir das falas dos participantes M40 e M42, fica evidente o fenômeno da “paranoia em massa” no cenário brasileiro; ou seja, a veiculação do ódio e do medo como estratégia política em campanhas eleitorais, que criam a ficção de um inimigo da nação a ser hostilizado, favorecendo um determinado grupo e suas crenças (Calazans; Matozinho, 2021; Participante M40; Participante M42).

4.3 Impactos subjetivos do ódio

Previamente à discussão sobre os impactos subjetivos do ódio no cenário social a partir da análise das respostas dos questionários, é válido trazer alguns dados sociodemográficos sobre a amostra dos respondentes. A amostra de 103 respostas do questionário foi composta por 28,2% (29 pessoas) com renda familiar de “R\$ 20.900,01 ou mais”; 27,2% (28 pessoas) com renda familiar entre “R\$ 10.450,01 a R\$ 20.900,00”; 26,2% (27 pessoas) com a renda familiar entre “R\$ 4.180,01 a R\$ 10.450,00”; 8,7% (9 pessoas) com a renda familiar entre “R\$

2.090,01 a R\$ 4.180,00”; 4,9% (5 pessoas) com renda familiar “Até R\$ 2.090,00” e 4,9% (5 pessoas) marcou a opção “Prefiro não informar”. Isto é, a maior parte dos respondentes do questionário on-line possui renda familiar com o valor de “R\$ 20.900,01 ou mais” e a minoria possui renda com o valor até “R \$2.090,00” ou preferiu não informar.

Outras informações são os dados sobre a identidade étnico-racial dos participantes do questionário. A maioria se identificou como “Branco” e uma minoria como “Preto” e “Amarelo”. Não houve marcação de resposta nas opções “Indígena” e “Prefiro não informar”. Sendo assim, a amostra caracteriza-se por: 76,7% (79 pessoas) que se identificaram como “Branco”; 20,4% (21 pessoas) que se identificaram como “Pardo”; 1,9% (2 pessoas) que se identificaram como “Preto” e 1% (1 pessoa) com a opção “Amarelo”.

No tocante aos dados da identidade de gênero e orientação sexual, observou-se que a maioria era do sexo feminino, em que: 66% (68 pessoas) se identificaram com o gênero “feminino”, 34% (35 pessoas) se identificaram com o gênero “masculino” e nenhuma pessoa optou por não informar o seu gênero ou acrescentar uma nova opção. Além disso, a maior parte das pessoas marcou a orientação sexual “heterossexual”; uma minoria marcou a opção “homossexual” e “pansexual”; e as opções “Assexual” e “Prefiro não informar” não foram selecionadas por ninguém. Dessa forma, a amostra foi composta por: 78,6% (81 pessoas) com a orientação sexual “Heterossexual”; 15,5% (16 pessoas) com a orientação sexual “Bissexual”; 2,9% (3 pessoas) com a orientação sexual “Homossexual” e 2,9% (3 pessoas) com a orientação sexual “Pansexual”.

Dessa forma, alguns desses dados trazem pistas sobre o motivo pelo qual a questão de classe e de orientação sexual foi pouco abordada pelos participantes em comparação ao gênero. Todavia, é válido destacar que a questão racial foi tratada de forma mais expressiva nas falas dos participantes, apesar da maioria ter se identificado como “branco” no formulário.

No cenário de ódio e pensando em seus impactos nos processos de subjetivação e sofrimento psíquico, é possível perceber, nas respostas do questionário, que algumas pessoas passaram a agir de maneira diferente e foram afetadas psicologicamente por causa de agressões sofridas nas redes sociais. Um exemplo disso é a resposta do Participante Q47 à segunda pergunta do questionário.

Foram muitas vezes, geralmente me mandavam estudar, me xingavam e etc. Eu parei de interagir com diferentes de mim há dois anos. Tenho transtorno bipolar e meu

psicológico não suportou mais o embate. Hoje vivo numa bolha construída por mim mesmo com pessoas que não me atacam (Participante Q47).

Na fala do Participante Q47, verifica-se que o medo de sofrer agressões nas redes sociais o levou a um comportamento de isolamento em sua “bolha”, evitando interagir com pessoas que se apresentassem como diferentes dele. Ou seja, a lógica das redes sociais promove a formação de identificações entre os perfis de usuários, atraindo pessoas com posicionamentos semelhantes. Todavia, a forma de separação relatada pelo participante indica a procura consciente dessa divisão, resultando em intenso sofrimento psíquico subjetivo (Ferreira, 2018).

Ao situar o discurso do Participante Q47 no contexto histórico, interpreta-se que o cenário tem influenciado na manifestação do afeto do ódio no mundo virtual, gerando uma espécie de “ciclo de ódio”. As pessoas evitam interagir com as outras por medo de agressões, mas essa impossibilidade de diálogo e contato com posicionamentos diferentes também dificulta outros destinos para esse ódio, que não envolvam a segregação e hostilidade entre os usuários. Dessa forma, surge a questão de como construir interações virtuais que não reforcem o ódio pela diferença e nem intensifiquem o desejo de isolamento diante da hostilidade percebida no meio (Ferreira, 2018; Rinaldi, 2018).

Além disso, ao refletir sobre os discursos de ódio na sociedade brasileira contemporânea, é essencial aprofundar-se teoricamente no público-alvo desses discursos de ódio. Nesse sentido, é pertinente trazer à tona o paradigma da “interseccionalidade”, uma lente teórica das ciências sociais que parte do pressuposto de que as opressões de raça, classe social e gênero não podem ser analisadas isoladamente nas relações de poder na sociedade, pois as desigualdades afetam de forma articulada os grupos dominados. Portanto, não há uma ordenação qualitativa entre as opressões, mas uma interconexão entre elas (Canavêz, 2020).

O termo “interseccionalidade” surgiu na década de 1980, a partir do posicionamento de Kimberle Crenshaw em relação ao julgamento de uma situação de discriminação de uma empresa que não contratava mulheres negras. Crenshaw percebeu que as mulheres negras não eram contempladas nos casos de discriminação, pois o julgamento se concentrava somente na questão de “gênero” ou somente na questão “racial”, inviabilizando as demandas de justiça social das mulheres negras que necessitavam de uma abordagem que considerasse ambas as questões conjuntamente. É importante ressaltar que, nos anos anteriores, o

movimento “*black feminism*” já trazia essas pautas em sua luta, embora ainda não tivesse o nome da corrente (Canavêz, 2020).

A dominação com base na ideia de “raça” surgiu por volta do século XVI, no contexto da dominação colonial e expansão comercial do sistema capitalista. Posteriormente, durante a Segunda Guerra Mundial, houve uma tentativa de justificar essa discriminação com base em pressupostos supostamente científicos, embora essas justificativas não tivessem credibilidade e fossem uma tentativa de escamotear os fatores sociais que constituem as relações de desigualdade (Canavêz, 2020). No caso do “gênero”, foram organizadas justificativas para a exclusão das mulheres do espaço público em razão do seu “sexo” e “destino” como mães, como se fossem fatores “biológicos”, ignorando a dimensão social e o ensejamento de relações de poder decorrentes disso (Canavêz, 2020).

Para além dos impactos do neoliberalismo na subjetividade da população, discutidos na seção 2.2, podemos exemplificar as formas de dominação de “classe social” viabilizadas através dos discursos meritocráticos difundidos na sociedade (Canavêz, 2020). Essa influência foi notável na política educacional brasileira, na qual regulamentações focalizadas em determinadas classes sociais atribuíram a disparidade dos resultados nas escolas a uma suposta insuficiência de desenvolvimento cultural do grupo.

Diante disso, os movimentos sociais emergiram historicamente para questionar as formas de dominação de raça, gênero e classe social. Destaca-se o posicionamento do “feminismo como crítica da modernidade” (Canavêz, 2020, p. 85), que se opõe à lógica do processo de colonização que se desdobrou na dominação de territórios e na construção de pressupostos “modernos” da ciência, com base no confronto entre o povo Europeu e os grupos colonizados. Esses pressupostos sustentaram a diferenciação entre os Europeus, que se identificavam como mais evoluídos, e os outros grupos, vistos como incivilizados e associados ao mundo “animal”. Nessa perspectiva, é interessante tecer uma crítica à racionalização moderna aliada ao desenvolvimento do sistema capitalista, que valoriza apenas o modelo de produção industrializada (Canavêz, 2020).

Na pergunta 2 do questionário on-line, algumas respostas fizeram referência às violências associadas a questões de raça e gênero, o que pode ser interpretado a partir da lente da interseccionalidade, revelando como essas relações de poder se expressam na sociedade brasileira atualmente. A Participante S24 traz pistas sobre os efeitos do ódio para o psiquismo na atualidade, relatando a experiência de uma pessoa que foi vítima de racismo

e machismo nas redes sociais, e como isso afetou seu próprio psiquismo e sua conduta no espaço virtual. Ela relatou ter passado a evitar posicionamentos nas redes sociais e restringir o contato com pessoas de fora da sua conta para se proteger de correr “esse tipo de risco” (Participante S24), o que reforça a ideia do “isolamento” mencionada pelo participante Q47 anteriormente.

A pessoa é ativista do movimento negro e fez comentários que levaram a ameaças de morte e muita injúria racial, machismo e afins. Esses casos na internet ganham proporções absurdas. Muita violência por questões pequenas. Um linchamento mesmo. A tirinha do Dahmer da questão do início. *Eu tenho medo e por isso minhas redes são fechadas e às vezes não exponho minha opinião também para evitar esse tipo de risco* (Participante S24, Grifo nosso).

É necessário pontuar que a autora desse discurso é uma mulher que se identificou como branca no formulário. Assim, a violência denunciada em sua fala, embora tenha repercussões subjetivas para ela, por ter se sensibilizado com a violência que a mulher negra sofreu, não é experienciada por ela, pois trata-se da violência do racismo e de gênero de forma articulada.

Além disso, destaca-se a importância de se trazer a categoria “raça” para se pensar no afeto do ódio e suas repercussões sociais e psíquicas, uma vez que o ódio do racismo é constitutivo do processo de formação social brasileiro (Gonzalez, 1984). No caso da experiência das mulheres brancas, ela é atravessada pela sua subordinação em relação ao sujeito masculino, sendo vista como o “Outro”, uma “coisa” a ser usada, e não um ser humano. “[...] A partir de Grada Kilomba, que afirma que se a mulher é o Outro do homem, entende-se que a mulher negra é o Outro do Outro” (Santos; Filice, 2021, p. 473). Isto é, elas são marginalizadas por serem mulheres e negras. Dessa forma, a fala do Participante S24 denuncia essa violência presente na realidade social ao contar a experiência de outra pessoa.

A violência do racismo se expressa através do discurso ideológico que naturaliza a desigualdade entre pessoas brancas e negras. Embora possa se apresentar de forma mais oculta em alguns países, seus efeitos perniciosos são denunciados na vida cotidiana (Santos; Filice, 2021). O racismo marca a realidade brasileira, manifestando-se nos estereótipos reproduzidos na literatura e no cinema; na desvalorização da produção de saberes e intelectualidade das pessoas negras, constituindo uma forma de violência que é chamada de “epistemicídio”; no processo de subjetivação e sofrimento psíquico das pessoas negras, bem como no racismo institucional legitimado por uma gestão estatal necropolítica (Gonzalez,

1984; Santos; Filice, 2021; Candido; Junior, 2019; Mbembe, 2018).

Assim, a crítica feita pelo Participante M96 à charge utilizada na pergunta 1 revela essa desumanização da mulher negra através da violência sistemática que historicamente é perpetrada contra elas:

[...] 2) Essa já é mais interessante, um homem branco fazer uma pergunta assim para uma mulher negra é irônico e beira o ridículo. *Geralmente, mulheres deste perfil votam buscando se proteger daqueles que as odeiam*, e não o contrário, como se elas odiassem o candidato (Participante M96, Grifo nosso).

A crítica do autor parece originar-se do incômodo em relação à utilização da imagem de uma mulher negra como uma das personagens apresentados na charge, a qual está sendo questionada por um homem branco, que representa o poder hegemônico, sobre se a sua decisão está sendo determinada pelo ódio. Para melhor compreensão, recorre-se ao conceito de “indivíduo normativo” como o “homem branco” (Canavêz, 2020, p. 90), que é visto como o ser humano na modernidade, enquanto a diversidade dessa norma é vista como “estranha”. A lógica do poder colonial estabeleceu uma hierarquização racial, colocando as pessoas negras em uma posição subalterna (Santos; Filice, 2021). Eis que essa lógica colonial é colocada em questão pelo Participante M96, já que, historicamente, as pessoas negras não foram reconhecidas como pessoas com direitos, como é simbolizado na charge pelo poder do “voto” em um candidato à presidência, e sim foram desumanizadas e transformadas em “objetos” do ódio socialmente.

No discurso do Participante M33, também foram criticados outros aspectos em relação à charge. O Participante argumentou que houve uma banalização do ódio como motivação política e criticou o uso da imagem de uma mulher negra, argumentando que isso poderia evitar possíveis críticas endereçadas à charge. Isso porque as mulheres negras são as principais vítimas dos efeitos da injustiça social na sociedade, o que tornaria compreensível o sentimento de ódio em relação a essa desigualdade. Assim, apesar do Participante M33 reconhecer a desigualdade e se indignar com a atuação do governo do período, não considera o “ódio” como um afeto legítimo na esfera política.

A primeira charge ironiza o comportamento intolerante e leviano das redes de clicar no link e queimar sem nem saber o motivo. Gostei dela. Já a segunda ironiza os limites entre ódio e motivação política, insinuando que nessas eleições o ódio é uma motivação política legítima. Quino é um grande cartunista e eu entendo a raiva dele contra os governos reacionários, mas considero a mensagem dessa charge específica profundamente infeliz e equivocada. A utilização da figura de uma mulher negra visa

exatamente criar empatia ao tentar selecionar um grupo para quem esse ódio seria de certa forma legítimo por ser um grupo historicamente e socialmente subalternizado em nossa sociedade. É um mero artifício para evitar críticas de que a charge propaga o ódio como uma escolha legítima. Não obstante as imensas injustiças sociais que atravessam nossa sociedade, não concordo com a mensagem da charge. *Não existe essa "escolha difícil" entre o ódio e a motivação política, por pior que seja o governo atual* (Participante M33, Grifo nosso).

Por outro lado, a fala do Participante M18, aponta para outra interpretação da charge, que é a naturalização do “ódio” sentido por grupos vulnerabilizados socialmente e como isso pode influenciar a atuação política, por exemplo, no momento de votar em um candidato.

A primeira retrata a tendência de ser levado a praticar violências sem saber porque, seguindo os outros. A segunda parece que a motivação política se mistura aos sentimentos de injustiça social das minorias, *o que eu vejo como natural até que haja reparação histórica* (Participante M18, Grifo nosso).

A ideia de “reparação histórica” pontuada no discurso do Participante M18 está relacionada à implementação de ações afirmativas para enfrentar a desigualdade social que afeta grupos vulnerabilizados na sociedade, como a população negra, indígenas, mulheres, pessoas LGBTQIA +, entre outros. Essas medidas buscam minimizar as consequências do passado histórico do país, marcado por relações de dominação que ainda têm reflexos em um cenário de injustiça social, e um exemplo dessas ações são as cotas para pessoas negras (Domingues, 2005).

Nesse contexto, a ideia de reparação histórica também diz respeito à ideia de memória, pois para “reparar” algo, é necessário reconhecer que houve um “erro” no passado. Retomando Gonzalez (1984), a memória diz respeito às violações que sofreram os povos escravizados no passado, mas esses eventos estão ocultos pela ideologia na cultura, que cria uma ficção de “igualdade” entre as pessoas na sociedade brasileira.

Complementando essa ideia, a noção de “traumático” é pertinente para a compreensão da memória social e seus reflexos nas relações desiguais na sociedade. O evento traumático está relacionado à prevalência da atividade da pulsão de morte no psiquismo, sendo um evento na vida da pessoa que se repete incessantemente de forma inconsciente, e o sujeito não consegue transformar essa violência pulsional em outra coisa. Esse trauma é elaborado por meio da fala, pois é falando que se transforma a ação do impulso hostil em um sentimento simbolizado. Por outro lado, o “errante” é aquilo que não é dito, são os discursos que silenciam as violências culturalmente, em que as pessoas são impedidas de serem vistas e elaborarem seus lutos. Um exemplo disso é a situação dos refugiados em um novo país: as

perdas que sofrem em relação à sua vida anterior, inclusive a de suas próprias identidades, são perdas que não conseguem ser ritualizadas (Conte, 2019).

Para Ferenczi, o acontecimento “traumático” ocorre a partir da experiência de desprazer que irrompe e desestabiliza a sensação de segurança do bebê. Nesse processo, ele não consegue se defender, sente ansiedade e introjeta a sensação de mal-estar da culpa na pessoa externa que é a fonte do seu desprazer. Ao mesmo tempo, o bebê também se identifica com essa pessoa, assimilando essa violência contra si mesmo e perdendo seu senso de identidade. Dessa forma, ocorre uma clivagem narcísica do bebê e, pelo seu Eu não conseguir reagir à violência que sofre, ele é acometido por uma sensação de angústia e reprime de forma inconsciente os conteúdos que lhe causaram o desprazer (Conte, 2019).

Relacionando o conceito de “trauma” com a análise da sociedade brasileira, compreende-se que o conteúdo da experiência traumática social do passado é reprimido, e as relações sociais são organizadas a partir de uma ficção que nega o histórico de relações de dominação. Analisando a fala do Participante M18, percebe-se a dificuldade no desenvolvimento do processo de “reparação histórica” no cenário brasileiro, pois a população não elabora essa “memória social”, o que resulta na repetição da mesma lógica da desigualdade nos dias atuais (Gonzalez, 1984). Um exemplo disso é a manifestação da violência simbólica no discurso de ódio (Conte, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar o fenômeno dos discursos de ódio no cenário brasileiro e seus efeitos no psiquismo. Buscou-se compreender o lugar da ambivalência do afeto do ódio e o papel da racionalidade neoliberal na subjetividade das pessoas na contemporaneidade. Conclui-se que, apesar das manifestações de ódio serem singulares, devido às experiências de vida de cada sujeito, existem determinantes históricos e culturais que autorizam socialmente essa manifestação afetiva na sociedade brasileira atualmente.

Constatou-se que o ódio desempenha uma função ambivalente no psiquismo desde as experiências infantis, quando possibilita a separação entre o bebê e a mãe, bem como do bebê das experiências que lhe causam desprazer, permitindo que ele se constitua como sujeito e sinta amor por objetos externos a ele (Corrêa, 2019).

Além disso, o ódio pode servir como um mecanismo de defesa para o sujeito, visto que, negando-o, é possível sustentar crenças em situações nas quais seus ideais encontram-se ameaçados. Os sujeitos, ao serem socializados em uma cultura, têm as suas pulsões agressivas reprimidas, o que leva à sensação de culpa relacionada ao temor do sujeito de perder essa sensação de pertencimento e de ser amado (Siqueira, 2015). Isso levantou a seguinte questão: como se daria a autorização da sociedade para o ódio, mesmo sendo uma cultura fundada na repressão dos desejos?

A análise de discurso empreendida nos dados coletados das redes sociais e do *Google Form* trouxe algumas pistas sobre como o ódio humano pode se tornar veículo de violência social quando se dissolve no funcionamento das massas, corroborando com os estudos de Freud (1921/2020) e com outros contemporâneos (Branco, 2019; Rinaldi, 2018, 2021).

Observou-se que a lógica das massas analisada por Freud (1921/2020) ainda se aplica atualmente ao contexto das redes sociais, em que “memes”, “bolhas virtuais”, “*hashtags*” servem para identificar indivíduos com determinadas pautas para um objetivo político, organizando-os em verdadeiras massas digitais (Ferreira, 2018; Rinaldi, 2021). No caso brasileiro, verificou-se a cooptação de *hashtags* pelo discurso do bolsonarismo, criando a identificação com o líder idealizado, Bolsonaro, e a massa, seus eleitores, unidos por valores

conservadores e pelo ódio por um inimigo externo em comum: Lula/ comunismo (Dunker, 2015). Isso se manifestou em discursos com tom paranoico, em combate ao comunismo ou a Lula e em nome da manutenção da segurança do país (Calazans; Matozinho, 2020).

Além disso, os resultados encontrados mostraram como alguns grupos sociais são mais vulneráveis aos discursos de ódio, como, por exemplo, no caso da xenofobia em relação ao grupo de pessoas nordestinas, possivelmente relacionada à disputa eleitoral e a maior quantidade de votos em Lula na região (G1, 2023). Além disso, há a violência perpetrada contra as mulheres negras, associada ao passado histórico de escravidão e ao racismo e sexismo reprimidos na memória social (Gonzalez, 1984). De todo modo, estudos sobre discursos de ódio direcionados a cada grupo social possuem particularidades em suas manifestações, que não foram possíveis de serem esgotadas nesta pesquisa, merecendo novas investigações sobre essa temática no campo das ciências sociais e humanas.

Do ponto de vista da relação entre a racionalidade neoliberal e os discursos de ódio, observou-se seus efeitos nos sujeitos, por meio da influência em agressões verbais que expressam os valores mercadológicos, como a ofensa à “improdutividade” (Redação Terra, 2022). Além da forma com que essa racionalidade interpela as relações cotidianas das pessoas, que passam a ser pautadas na “competitividade”, em que o outro, o diferente, é visto como um inimigo que ameaça destituir o seu prazer e o seu padrão de vida (Safatle, 2021; Dunker, 2021).

Portanto, sobreveio o entendimento de que determinantes sociais, políticos, econômicos e culturais, juntamente com a história de vida singular do sujeito, contribuem para a produção dos discursos de ódio na contemporaneidade. O ódio é um afeto que cumpre uma função no psiquismo e pode se expressar de forma inconsciente na fala das pessoas (Gonzalez, 1984). Diante disso, é essencial levar em consideração esses determinantes externos que legitimam a violência, como a própria negação da experiência traumática da escravidão no passado, e indagar sobre como promover uma responsabilização coletiva em relação aos discursos de ódio nos dias atuais (Conte, 2019).

Por fim, propõe-se a realização de novas pesquisas que comparem a incidência dos discursos de ódio no cenário brasileiro após o período de governo do ex-presidente Bolsonaro. Isso considerando a grande amostra de dados das redes sociais e do formulário, materiais que

indicaram a influência do discurso do bolsonarismo. Além disso, é importante lembrarmos que a coleta de dados ocorreu durante a disputa eleitoral de 2022, o que pode ter influenciado nos resultados encontrados.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. K.; NETO, G. A. R. M. O Desenvolvimento do Conceito de Pulsão de Morte na Obra de Freud. **Revista Subjetividades**. [S. l.], v. 15, n. 1, p. 67–75, 2015. DOI: 10.5020/23590777.15.1.67-75. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4520>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- BARBOSA, C. G.; CAMPOS, E. B. V.; NEME, C. M. B. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. **Psicologia USP**. v. 32, p. 1-10, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/vhBxKSQmYWY8xDnRWk7S3N/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BEZERRA, A. C.; COSTA, C. M. da. Pele negra, algoritmos brancos: informação e racismo nas redes sociotécnicas. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e6043, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i2.6043. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6043>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- BRANCO, F. C. O Ódio como Afeto Político: sobre a composição do populismo de extrema-direita no Brasil. **Psicanálise & Barroco em revista**. v. 17 n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2019.v17i2.64-95>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- CALAZANS, R.; MATOZINHO, C. pandemia, paranóia e política. São João del-Rei - Belo Horizonte, 2020. Disponível em: https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_54-Roberto-Calazans-e-Christiane-Matozinhos.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.
- CANAVÊZ, F. Raça, gênero e classe social na clínica psicanalítica. **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 52, n.2, 79-102. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 13 jan. 2023.
- CANDIDO, M. R.; JÚNIOR, J. F.; Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**. 2019, v. 27, n. 2. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254549>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5zzSXRTXZgsN8CMcYjhYQvg/#>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Francisco FrankeSettineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1995.
- CONTE, B. de S. Psicanálise e história: um olhar sobre a desigualdade no Brasil. **Revista de Psicanálise da SPPA**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 473–483, 2019. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/466>. Acesso em: 25 jun. 2023.

CORRÊA, A. F. O ódio em três textos de Freud: reflexões sobre ambiguidade, hostilidade e identificação. **Reverso**. v. 41, n. 77, p. 23-30, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v41n77/v41n77a03.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

DOMINGUES, P. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. **Revista Brasileira de Educação**. n. 29, p. 164-176, 2005. DOI:<https://doi.org/10.1590/S1413-24782005000200013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/g9K3wSLyhKn88LXn3GgJDvc/#>. Acesso em: 16 jun. 2023.

DUNKER, C. I. L. OS ISENTÕES | Christian Dunker | Falando nisso 332. 23 nov. 2021. Os Isentões. YouTube: @chrisdunker. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILyVHWka-LE>. Acesso em: 11 abr. 2022.

DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MILÁN-RAMOS, J. G. **Análise psicanalítica de discurso: perspectivas lacanianas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores. 2016.

ELIA, L. Psicanálise: clínica e pesquisa. *In*: Alberti, S., Elia, L. (org.). **Clínica e Pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. 2000.

FARIA, Â. Em seu novo disco, Emicida desafia estes tempos de ódio e intolerância. **Correio Braziliense**. Brasília, 10 nov. 2019. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/11/10/interna_diversao_arte,805348/em-seu-novo-disco-emicida-desafia-estes-tempos-de-odio-e-intolerancia.shtml. Acesso em: 15 abr. 2022.

FERREIRA, P. do P. De promessa de “emancipação” à disseminação do ódio: redes sociais digitais e política. *In*: Rosa, M. D.; COSTA, A. M. M.; Prudente, S. **As escritas do ódio: Psicanálise e Política**. São Paulo: Editora Escuta/Fapesp. p. 183-198, 2018.

O GUIA Pervertido da ideologia. Direção: Sophie Fiennes. Produção: James Wilson, Lizzie Francke e Sophie Fiennes. Reino Unido/Irlanda, 2012. 1 vídeo (134 minutos).

FLANZER, S. N. Sobre o ódio. **Interações**, São Paulo, v. XII, n. 22, p. 215- 229, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35402210>. Acesso em: 13 abr. 2022.

FRANCO, F. L. F. N. **Da biopolítica à necrogovernamentalidade: um estudo sobre os dispositivos de desaparecimento no Brasil**. Orientador: Vladimir Pinheiro Safatle. 2018. 235f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/T.8.2019.tde-25022019-112250. Acesso em: 13 abr. 2022.

FREUD, S. **Projeto de uma psicologia**. Tradução de O. F. Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 1950[1895]/2003.

_____. **O Recalque**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. I: 1911-1915. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 175-193. 1915/2004.

_____. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Autêntica. 1921/2020.

_____. *Introdução ao narcisismo*. In: Freud, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros escritos (1914-1916)**. Tradução e notas: Paulo César de Souza. (v. 12). São Paulo: Companhia das letras. 1914/2010.

_____. **A negação**. 1 ed. São Paulo: Editora Cosac Naify. 1925/2014.

G1. Em culto, pastor do RJ chama nordestinos de ‘preguiçosos’ e causa revolta nas redes sociais. **G1**. Rio de Janeiro, 6 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/11/06/em-video-pastor-do-rj-diz-que-petistas-sao-inimigos-de-deus-chama-nordestinos-de-preguicosos-e-causa-revolta-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2023.

_____. Eleição em números: veja destaques dos resultados do 2º turno: Lula (PT) foi eleito com a maior quantidade de votos desde 1989. Petista venceu no Nordeste e na maioria das cidades do país. Já na disputa estadual, União e PT são os partidos com mais governadores eleitos. **G1, S.l.**, 31 out. 2023. Eleições. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/eleicao-em-numeros-veja-destaques-dos-resultados-do-2o-turno.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GOLDENBERG, R. **Psicologia das Massas e Análise do Eu: Solidão e Multidão**. 4 ed. São Paulo: Civilização Brasileira. 2021.

GOMES FERREIRA, G. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais, S. l.**, v. 20, n. 36, p. 166–178, 2016. DOI: 10.23925/ls.v20i36.31855. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/31855>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, p. 223-244. 1984.

HENRIQUE, G. Criolo: “Não dá para desperdiçar amor, mas não dá para romantizar. Estamos à flor da pele”. **El País**. São Paulo, 9 out. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/criolo-nao-da-para-desperdicar-amor-mas-nao-da-para-romantizar-estamos-a-flor-da-pele.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica?. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. v. 6, n. 1. p. 115-138. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/kMNkRYxpVCBG6NwwVR8Pryd/?lang=pt#>. Acesso em: 25 jun. 2023.

JORNAL NACIONAL. Denúncias de crimes envolvendo discurso de ódio nas redes sociais triplicaram nos últimos 6 anos, aponta levantamento. *[S.l.]*, 1 mai. 2023. **G1**. Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/01/denuncias-de>

crimes-envolvendo-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-triplicaram-nos-ultimos-6-anos-aponta-levantamento.ghtml. Acesso em: 27 jul. 2023.

LAGOAS, J. M.; CHATELARD, D. S. Contribuições para uma Teoria Psicanalítica da Percepção: Da Regressão Alucinatória À Coisa do Desejo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, [S. l.]. 2019. DOI: 10.1590/0102.3772e35432. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/KgWR5V6R76vpCD5wvmSVvZg/#>. Acesso em: 10 abr. 2022.

LAVILLE, C.; DIONE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999.

LEBRUN, J. P. **O futuro do ódio**. Tradução de João Fernando Chapadeiro Corrêa. Porto Alegre: CMC, p. 144. 2008.

MARTINS, A. C. L. (2019). Discurso de ódio em redes sociais e reconhecimento do outro: o caso M.. **Revista Direito GV**, v. 15, n. 1. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/2317-6172201905>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/WPZBfgrv6Md957dSxz7Hh5h/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2023.

MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Arte & Ensaios. 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores. 2015.

PARASITA. *In*: MICHAELIS, Dicionário Online de Português. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/parasita/%3E.%20Acesso%20em%2010%20de%20abr.%20de%202023>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PINTO, J. M. **Psicanálise, feminino, singular**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008.

REDAÇÃO TERRA. Esposa do presidente do Flamengo ataca nordestinos após vitória de Lula. **Terra**. [S.l.]. 2 nov. 2022. Eleições no Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/esposa-do-presidente-do-flamengo-ataca-nordestinos-apos-vitoria-de-lula,575de39d768acea12eb9cd7a248e881bitkoqz8s.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

REINO, L. M. G.; ENDO, P. C. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, v. 3, nº 2, p. 16-27, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 jun. 2023.

RINALDI, D. O discurso do ódio, uma paixão contemporânea. *In* ROSA, M. D.; COSTA, A. M. M.; PRUDENTE, S. (Ed.), **As escritas do ódio: Psicanálise e Política**. 1ª Edição, p. 33-42. São Paulo: Editora Escuta/Fapesp. 2018.

_____. Psicologia das massas, mais ainda: fraternidade, ódio e segregação. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, 13(spe), 56-62, 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021vNSPEAp.56>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v13nspe/v13nspea09.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. *In*: DUNKER, C.; JUNIO, N. da S.; SAFATLE, V. **Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico**. Autêntica. 2021.

SANTOS, L. C. .; FILICE, R. . C. G. Uma análise interseccional do subalterno feminino e do outro: alteridade, racismo e sexismo em Jorge Amado. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 467–485, 2021. DOI: 10.26512/les.v22i2.40999. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/40999>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SIQUEIRA, F. G. Da culpa em Freud à responsabilidade em Lacan: paradigmas para uma articulação entre psicanálise e criminologia. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 141-157, 2015. DOI:<http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P141>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Suspenso conteúdo que associa Lula a drogas, assassinato e aborto. **Tribunal Superior Eleitoral**. [S. l.], 20 out. 2022. Comunicação. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/plenario-suspende-propaganda-que-associa-lula-a-drogas-assassinato-e-aborto>. Acesso em> 28 abr. 2023.

_____. Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos. **Tribunal Superior Eleitoral**. [S. l.], 30 jun. 2023. Comunicação. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>. Acesso em 26 jul. 2023.

UOL. Bolsonaro erra nome de favela e diz que evento com Lula só tinha traficante...**UOL**. São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, 16 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/16/bolsonaro-diz-que-lula-foi-a-favela-no-rj-e-que-so-tinha-traficante.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ANEXO A - Parecer do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: As dinâmicas psíquicas do ódio e suas formas de expressão nas subjetividades contemporâneas

Pesquisador: JULIANO MOREIRA LAGOAS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57473922.0.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.670.889

Apresentação do Projeto:

Trata-se de emenda ao projeto "As dinâmicas psíquicas do ódio e suas formas de expressão nas subjetividades contemporâneas".

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

A sociedade brasileira encontra-se, hoje, profundamente marcada pelas consequências do aumento das desigualdades econômicas, do acirramento dos conflitos sociais, da deterioração do funcionamento das instituições democráticas e da consequente polarização ideológica que arrasta o campo da política para um cenário de precarização dos laços sociais e de aumento das violências físicas e simbólicas. Assim, este projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar os discursos de ódio na atualidade brasileira, procurando identificar e compreender alguns de seus modos de manifestação e seus impactos nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico. Para tanto, foram formulados os seguintes objetivos específicos: (i) Compreender o lugar das ambivalências afetivas nos modos de manifestação contemporâneos do ódio;(ii) Analisar o papel da racionalidade neoliberal na formação dos discursos de ódio a atualidade. Com relação a metodologia, a pesquisa se guiará pela estratégia metodológica da "análise psicanalítica de discurso", e os instrumentos utilizados são para a coleta

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.670.889

de dados serão: (i) um Google Forms (formulário) composto por um "questionário" e (ii) triagem e seleção de conteúdos da internet. E, a pesquisa será realizada com uma amostra de 300 participantes, sendo o critério para a participação ser maior de 18 anos e utilizar redes sociais.

Metodologia Proposta:

Este projeto se guiará pela estratégia metodológica da "análise psicanalítica de discurso" (Dunker et. al., 2016). De acordo com a estratégia de "análise psicanalítica de discurso", a pesquisa se orientará por uma dupla exigência metodológica: (i) a escuta dos sujeitos envolvidos na situação investigada (os respondentes do formulário online e os autores das postagens e comentários a serem coletados nas rede sociais), buscando-se

explorar e descrever os acontecimentos por eles concernidos, e (ii) a transformação do material em "texto" - considerado, não como "dado linguístico", mas como "fato discursivo" (Orlandi, 2015, p. 67) - a ser analisado a partir dos dispositivos e procedimentos de interpretação propostos pela AD, na intersecção com as teorias e conceitos psicanalíticos. A respeito dos "Procedimentos de construção do material", inicialmente, o projeto será submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCeub, dada a importância do cumprimento das diretrizes éticas em estudos que envolvem seres humanos. Assim, pretende-se mitigar os potenciais riscos inerentes à execução de pesquisas com seres humanos. Após a aprovação, o procedimento de construção do material se desenvolverá em três etapas. A primeira etapa do procedimento consistirá a revisão e atualização bibliográfica da literatura psicanalítica e das ciências humanas e sociais, sobre os conceitos fundamentais acerca da temática do projeto, como os conceitos de ódio, identificação, luto, melancolia, necropolítica e neoliberalismo, visto que, o discurso de ódio é um tema que tem sido muito pesquisado na atualidade. Na segunda etapa, será divulgado nas redes sociais um link para um formulário elaborado a plataforma Google Forms, e que consistirá em: (i) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato digital (Anexo A); (ii) um questionário (Anexo B). Poderão responder ao formulário qualquer pessoa com mais de 18 (dezoito) anos de idade, que acredite ser (ou ter sido) afetada por discursos de ódio disseminados em mídias digitais e nas relações sociais de um modo geral. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato digital

(Anexo A) consiste em um documento para a segurança ética dos respondentes do questionário, no qual estarão explícitos a temática da pesquisa e os seus direitos como participante, conforme preconizado as Resoluções CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016. Já, o questionário será constituído por questões: (i) sociodemográficas (como idade, gênero, renda, raça, orientação sexual, (ii) sobre

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.670.889

o uso de redes sociais; (iii) sobre a experiência pessoal com os discursos de ódio no ambiente virtual; (iv) sobre a opinião do participante a respeito de uma charge e de uma reportagem sobre a temática do ódio (Anexo B). Na terceira etapa, será realizado um levantamento, em redes sociais (Facebook, Twitter, Telegram, etc.), de postagens, comentários, entrevistas de pessoas públicas, que contenham manifestações que ataquem ou incitem ódio contra determinados grupos sociais, baseadas em raça, etnia, gênero, orientação sexual, religiosidade ou nacionalidade. Para essa busca, utilizaremos de palavras-chave/hashtags que nos permitam selecionar essas manifestações. O material coletado por meio do Google Forms e das publicações nas redes sociais será transformado em um texto em formato digital, e posteriormente analisado de acordo com os princípios da "análise psicanalítica de discurso". Os instrumentos utilizados para a coleta de dados serão: (i) um Google Forms (formulário) composto por um "questionário"; (ii) triagem e seleção de conteúdos da internet. O "Google Forms" permite um maior alcance de pessoas e possibilita que o sujeito expresse mais livremente suas percepções sobre o fenômeno estudado. Já, na triagem e seleção de conteúdos da internet, estes serão buscados nas redes sociais, com base nos conceitos fundamentais da temática.

Metodologia de Análise de Dados:

Para a análise do material coletado (respostas ao formulário online e postagens/comentários nas redes sociais), serão adotados os seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas dos respondentes e dos autores das postagens/comentários; (ii) localizar repetições, ambivalências, atos falhos, paráfrases, metáforas e metonímias; (li) reconhecer a temporalidade e espacialidade em torno das quais os discursos se organizam (iv) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam os discursos encontrados (vi) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nos discursos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Este projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar os discursos de ódio na atualidade brasileira, procurando identificar e compreender alguns de seus modos de manifestação e seus impactos nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico.

Objetivo Secundário:

(i) Compreender o lugar das ambivalências afetivas nos modos de manifestação contemporâneos

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.670.889

do ódio;(ii) Analisar o papel da racionalidade neoliberal na formação dos discursos de ódio a atualidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com os autores:

Riscos:

Com base na Resolução CNS nº 466/12, este estudo possui riscos mínimos, que são inerentes a pesquisas com seres humanos, e medidas preventivas serão adotadas pelo pesquisador para minimizá-los. Por se tratar de uma pesquisa realizada em ambiente virtual, visto que envolve a resposta dos participantes de um questionário online (Google Forms), alguns riscos relacionados às próprias limitações das ferramentas tecnológicas para assegurar o sigilo e a confidencialidade existem (Conep, 2021). Portanto, o pesquisador vai seguir as orientações contidas nas Resoluções "Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual"(Conep, 2021), CNS – nº 466 de 2012 e a de nº 510 de 2016, para minimizá-los, tais como: a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido adaptado para pesquisas virtuais para registro do participante, informando no documento os procedimentos que serão adotados na pesquisa, os riscos e benefícios da participação na pesquisa, o direito de não responder ou interromper a participação da pesquisa a qualquer momento, o cuidado realizado pelo pesquisador com o armazenamento de dados para assegurar o sigilo e confidencialidade das informações fornecidas pelo participante (Conep, 2021).

Benefícios:

Esse projeto justifica-se na medida em que busca trazer contribuições para o campo dos conhecimentos psicológicos e psicanalíticos, e para a sociedade em geral sobre o fenômeno do ódio, suas dinâmicas psíquicas e o lugar que ele ocupa na configuração sócio-política das subjetividades contemporâneas. Considera-se que esse é um afeto que está presente, de modo incontornável, nas relações psicossociais e nos processos de constituição subjetiva. A partir de um levantamento bibliográfico em bases de indexação de periódicos científicos (tais como Scielo, PePSIC, PsycINFO e PEP), identificamos alguns trabalhos que vêm discutindo a temática deste projeto nos últimos anos. Por exemplo, Fulber (2019) realizou uma análise sobre a violência presente no cenário brasileiro com base em pressupostos da psicanálise e da sociologia, evidenciando a relação entre a formação social brasileira e os modos

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.670.889

de apresentação do fenômeno da violência na atualidade, através da idéia de "mandonismo" como "inscrição mnemônica transgeracional" (Fulber, 2019, p.145), e de uma ausência de simbolização atualmente, que possibilitaria a prevalência das pulsões de morte e de agressividade. Outro exemplo da literatura é o de Branco (2019), que se dedica a analisar o fenômeno de ódio no contexto do "bolsonarismo" e os impasses que este impõe no que diz respeito à concretização da democracia no contexto brasileiro. A partir de articulações entre psicanálise e filosofia, o autor disserta sobre as estratégias políticas contemporâneas utilizadas pela extrema direita, como a difusão de "fake news", o "familiarismo" e os discursos de ódio dirigidos a grupos sociais específicos. Sendo assim, nota-se a conformação de personalidades autoritárias semelhantes à figura de Bolsonaro em outros países, e que são vistas por parte da população como resposta às suas necessidades de "segurança", em face das ameaças sentidas por uma parcela conservadora da sociedade. Um outro argumento para o campo psicanalítico é o de que o ódio, enquanto fenômeno cultural e sócio-político, implica sofrimento psíquico para os sujeitos. Trata-se de pensar o ódio para além de seu caráter negativo, como muitas vezes é referido pelo senso comum, mas contemplando suas outras possibilidades de manifestação nas relações sociais, por exemplo, em seu aspecto potencialmente transformador, como colocado por Dunker (2017), segundo quem o ódio deve ser vivenciado em alguma medida em situações de luto, para que seja possível a reelaboração dos laços simbólicos que unem o sujeito ao objeto de amor perdido. Em suma, é uma temática que vem sendo amplamente discutida no meio acadêmico, e a contribuição deste projeto consiste em fazer um recorte do fenômeno do ódio

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A Emenda foi solicitada por se tratar de uma pesquisa de iniciação científica que é uma continuidade da pesquisa anterior, desenvolvida na disciplina de Estágio Básico II.

O estudo apresenta relevância acadêmica e social, contemplando temática que necessita de contribuições para uma melhor compreensão e enfrentamento do discurso de ódio.

As informações trazidas na Plataforma Brasil estão completas e permitem o entendimento da metodologia a ser desenvolvida, riscos, benefícios e objetivos da pesquisa, embora no cronograma não conste o período em que ocorrerá a coleta de dados.

É uma pesquisa de baixo custo, a ser financiada pela equipe de pesquisa.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.670.889

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

Folha de Rosto: o documento contém as informações pertinentes e as devidas assinaturas;

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - apresentado no modelo para ambiente virtual.

Recomendações:

Ao final do estudo os pesquisadores devem enviar o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não constam pendências, estando a emenda aprova, com as seguintes recomendações:

- 1) que a coleta de dados se inicie após a aprovação da pesquisa, por este CEP;
- 2) o TCLE seja inserido no questionário como a 1ª pergunta, com a opção de aceite para responder. Nele deve ser inserido os contatos dos pesquisadores.

O CEP-UniCEUB ressalta aos pesquisadores o compromisso com a continuidade da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto à Resolução nº 466/12 CNS/MS, concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto. Sendo que quaisquer alterações que vierem a ocorrer, devem ser imediatamente informadas a este CEP, indicando a parte do protocolo de pesquisa que foi alterada, acompanhada das justificativas para tal alteração.

Considerações Finais a critério do CEP:

Emenda previamente avaliada por este CEP, com parecer homologado na 15ª Reunião Ordinária do colegiado, em 02 de setembro de 2022.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1994076_E1.pdf	19/08/2022 14:15:58		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_anexo_a.pdf	19/08/2022 13:53:38	ANA TEREZA CERTAIN SIMAS DE PAULA	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.670.889

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetocep.pdf	19/08/2022 13:53:16	ANA TEREZA CERTAIN SIMAS DE PAULA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_cep.pdf	19/08/2022 13:31:53	ANA TEREZA CERTAIN SIMAS DE PAULA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 28 de Setembro de 2022

Assinado por:
Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

ANEXO B - Formulário

Questionário

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas Virtuais

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo "As dinâmicas psíquicas do ódio e suas formas de expressão nas subjetividades contemporâneas", desenvolvido pelo pesquisador responsável: Prof. Dr. Juliano M. Lagoas (E-mail: juliano.lagoas@ceub.edu.br) e pela pesquisadora assistente: Ana Tereza C. S. de Paula (E-mail: ana.tpaula@sempreceub.com) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que visa assegurar seus direitos como participante.

Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo.

A pesquisa tem como objetivo compreender as formas de expressão do ódio na atualidade brasileira. Você está sendo convidado a participar por ser residente do Brasil, ter mais de 18 anos de idade e utilizar redes sociais.

Sua participação consiste em: (i) responder alguns dados sociodemográficos e dados sobre o uso de redes sociais; (ii) emitir a sua opinião sobre as charges anexadas; (iii) responder três questões a partir da sua experiência com o ódio nas redes sociais.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Por se tratar de um ambiente virtual, cuidados serão tomados pelo pesquisador relacionados ao armazenamento de dados, para preservação da confidencialidade das informações fornecidas por você.

Com sua participação nesta pesquisa você poderá/terá contribuído com a produção de conhecimento acerca do fenômeno do ódio e suas manifestações nas relações sociais no Brasil.

Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento. Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, pode entrar em contato pelo e-mail disponibilizado pelos pesquisadores.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.

Os dados fornecidos neste questionário ficarão sob a responsabilidade da pesquisadora assistente com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma dúvida referente aos objetivos, procedimentos e métodos utilizados

nesta pesquisa, entre em contato com os pesquisadores do projeto. E, se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP-UniCEUB), que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração!

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. *

Marcar apenas uma oval.

Li e concordo com os termos de participação

Li e não concordo com os termos de participação

Pular para a seção 9 (Agradecemos a sua participação!)

Dados Sociodemográficos

Nesta seção, solicitamos informações sobre os seus dados sociodemográficos.

3. Faixa etária *

Marcar apenas uma oval.

- 18 a 23 anos
- 24 a 29 anos
- 30 a 35 anos
- 36 a 41 anos
- 42 a 47 anos
- 48 a 53 anos
- 54 a 56 anos
- 57 a 61 anos
- 62 a 67 anos
- 68 anos ou mais
- Prefiro não informar

4. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não informar
- Outro: _____

5. Nível de instrução *

Marcar apenas uma oval.

- Sem instrução
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo e Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo e Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Prefiro não Informar

6. Renda Familiar *

Marcar apenas uma oval.

- Até 2.090,00
- R\$ 2.090,01 a R\$ 4.180,00
- R\$ 4.180,01 a R\$ 10.450,00
- R\$ 10.450,01 a R\$ 20.900,00
- R\$ 20.900,01 ou mais
- Prefiro não informar

7. Religião *

Marcar apenas uma oval.

- Catolicismo
- Evangelismo
- Espiritismo
- Budismo
- Umbanda
- Candomblé
- Judaísmo
- Não possui religião
- Prefiro não informar
- Outro: _____

8. Orientação Sexual *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Pansexual
- Assexual
- Prefiro não informar
- Outro: _____

9. Cor/Raça *

Marcar apenas uma oval.

- Preto
- Pardo
- Amarelo
- Indígena
- Branco
- Prefiro não informar

Redes sociais

Nesta seção, solicitamos informações sobre o seu uso das redes sociais.

10. Quantas horas diárias você passa utilizando redes sociais? *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de 1 hora
- 1 a 2 horas
- 3 a 4 horas
- 4 a 5 horas
- 5 a 6 horas
- 6 horas ou mais

11. Quais redes sociais você utiliza? *

Marque todas que se aplicam.

- Twitter
- Facebook
- Instagram
- Youtube
- TikTok
- Whatsapp
- Telegram

Charges sobre o ódio

Nesta seção, gostaríamos que você apresentasse sua opinião da forma mais livre possível sobre as charges apresentadas a seguir. Lembramos que todas as informações escritas neste formulário são anônimas, sigilosas e você é livre para deixar de responder qualquer questão que possa lhe causar algum desconforto.

Dahmer (2017)



Quinho (2022)



12. Qual é a sua opinião sobre as charges apresentadas acima?

Não existe uma resposta certa! Queremos saber quais foram as suas sensações e impressões ao ver as situações retratadas na charge.

Estamos quase no fim...

Nesta seção, gostaríamos que você apresentasse sua opinião da forma mais livre possível. Lembramos que todas as informações escritas neste formulário são anônimas, sigilosas e você é livre para deixar de responder qualquer questão que possa lhe causar algum desconforto.

13. Você acha que já foi alvo de agressões nas redes sociais? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 14*
 Não *Pular para a pergunta 15*
 Prefiro não informar *Pular para a pergunta 15*

Caso tenha respondido sim, na questão anterior

Nesta seção, gostaríamos que você apresentasse sua opinião da forma mais sincera possível. Lembramos que todas as informações escritas neste formulário são anônimas, sigilosas e você é livre para deixar de responder qualquer questão que possa lhe causar algum desconforto.

14. Caso tenha respondido "sim" na questão sobre já ter sido alvo de agressões nas redes sociais, pode nos contar a experiência?

15. Você conhece alguém que já foi alvo de agressões nas redes sociais? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 16*
 Não *Pular para a seção 9 (Agradecemos a sua participação!)*
 Prefiro não informar *Pular para a seção 9 (Agradecemos a sua participação!)*

Caso tenha respondido sim, na questão anterior

Nesta seção, gostaríamos que você apresentasse sua opinião da forma mais sincera possível! Reiteramos que todas as informações escritas neste formulário são anônimas, sigilosas e você é livre para deixar de responder qualquer questão que possa lhe causar algum desconforto.

16. Caso tenha respondido "sim" na questão sobre conhecer alguém que já foi alvo de agressões nas redes sociais, pode nos contar a sua percepção sobre o caso?

Agradecemos a sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários